

"Stark. Gripping. Totally unforgettable."

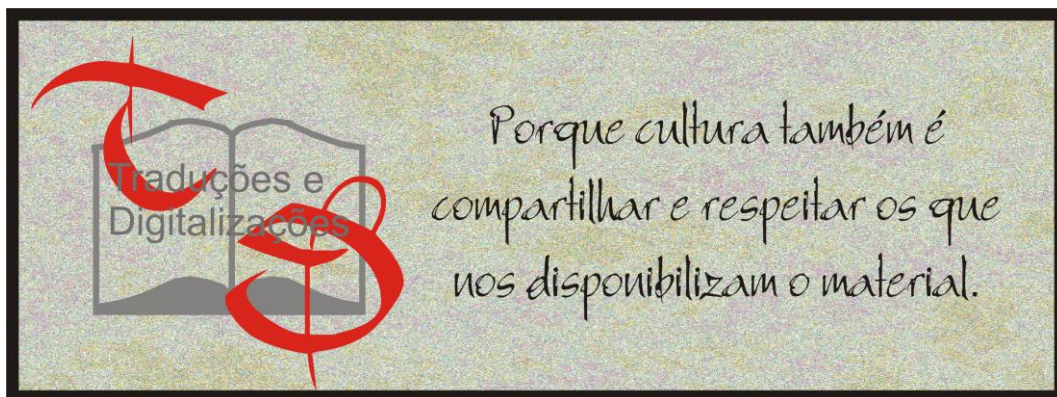
—ELLEN HOPKINS, AUTHOR OF CRANK

LIVING DEAD GIRL

a novel







Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e- book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos, **por favor, que não hospede o livro em nenhum outro lugar.** Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital

Skoob – <http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/83127>



Feito por:

Aislinn & Nel



Living Dead Girl



ELIZABETH SCOTT



Esse livro é uma obra de ficção. As referências de eventos históricos, pessoas reais ou locais reais são usados de modo fictício. Outros nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação da autora, e qualquer semelhança a reais eventos, ou locais ou pessoas, mortas ou vivas, é completamente coincidência.



OBRIGADA A Jennifer Klonsky por defender este livro; para Bethany Buck, Paul Crichton, Russell Gordon, Victor Iannone, Lucille Rettino, Michael del Rosario, Kelly Stocks e todos os outros, a Simon Pulse por todo seu apoio; e para Robin Rue, que esta sempre ao meu lado.

Agradeço também a Katharine Beutner, Jessica Brearton, Diana Fox e Amy Pascale por seu encorajamento e carinho.

E finalmente, a Shana Naomi Krochmal — obrigada por me incitar a fazer mais com isso do que deixá-lo abandonado no meu disco rígido. Este livro não estaria aqui sem você.



ESTA É A APARÊNCIA DAS COISAS:

Shady Pines Apartamentos ¹, quatro edifícios gastos escondidos na estrada perto da rodovia. Do lado de um shopping center com casas de pregos e uma loja de empréstimos que anuncia na TV o tempo todo. Há também, uma farmácia e pequenos restaurantes, cada um abrindo e fechando nos próximos meses.

Shady Pines é bom o suficiente, se é tudo que você pode dispor. As escadas estão lascadas, mas sólidas, as máquinas de lavar sempre trabalhando, e a gerência pega o lixo uma vez por semana.

A poucas mãos sentam-se fora dos seus edifícios, descansando em cadeiras desgastadas no gramado, falando sobre os outros, enquanto as crianças correm, jogam. Um cão dorme no sol, contraindo o rabo quando uma criança vem e afaga o topo da sua cabeça antes de fugir, rindo.

Esse homem no prédio distante, o cara do carro, está lá fora, uma pilha de peças espalhadas sobre a lama preta do estacionamento ao redor dele. O cara do carro já está aqui desde que você se mudou, mas você nunca o vê exceto durante os fins de semana ensolarados, quando ele trabalha em seu carro.

Não que ele já tenha dirigido.

Ele é um estranho, que de certeza, vivera sozinho, sempre com aquele carro, realmente jamais falou com ninguém, mas cada lugar tem um estranho, e pelo menos o cara do carro o limpa ele próprio. Ele é quase obsessivo sobre isso.

Ainda assim, veja como ele suspira quando aquele homem, aquele cuja filha é quieta e, infeliz, um pouco lenta, a puxa para o espaço ao lado dele? Veja como ele vê a menina sair do carro?

Ela é uma coisa magrinha, sempre com os ombros levantados um pouco, ela é mais alta do que ela pensa que é. Educada em casa ², é claro, porque como ela é, ou então alguém disse uma vez quando você estava recebendo o correio, e não há nenhum segredo por aqui, não com todos vivendo tão próximos.

Ela caminha lentamente através do lote, à direita atrás de seu pai, que espera pacientemente por ela para chegar à porta do edifício, mantendo-a aberta, embora ele, esteja carregando todos os sacos. Ela nem sequer diz obrigado, mas o que se pode esperar? Crianças nunca sabem como é bom o que eles têm.

¹ O nome do local seria: Apartamentos Pinheiros Com Sombra

² No original "Homeschooled": o termo significa educar em casa as crianças.



2

ISTO É COMO AS COISAS SÃO:

Frio, da mercearia, do corredor dos laticínios, você desceu para pegar o iogurte, do corredor de alimentos congelados, as suas caixas preenchidas até o fundo com pizzas congeladas e sorvetes em recipientes redondos de grandes dimensões.

Frio, ao sair do caminhão, os pés tinindo sobre algo metálico, um pedaço de carro no chão.

Não pare para olhar.

Caminhe até as escadas, os passos de Ray estão atrás de você.

Ouçá, ele pausa, sorrindo para a porta do apartamento aberta, a família indiana do segundo andar, sempre crianças correndo dentro e para fora, às vezes sua TV ligado tão alto à noite que Ray tem de ir lá em baixo e bater na porta, e dizer: Por favor abaixe? Muito obrigado.

"Era esse cara no estacionamento olhando para você?" Ray diz enquanto você entra no apartamento, logo que a porta esta fechada, e ele virou as fechaduras, um, dois, três. Melhor prevenir do que remediar, ele sempre diz.

Balança sua cabeça não, não. Mesmo se ele olhar, nunca seria para você.

Ninguém realmente olha para você.

Ray coloca os mantimentos fora, o iogurte na geladeira, a aveia em seus pacotes individuais no armário acima da pia. Cinco maçãs, uma para cada dia, quando ele chega em casa do trabalho. Cinco jantares da TV que você vai aquecer durante a noite para ele comer a menos que ele traga qualquer coisa para casa.

Ele vai até o sofá. Segura um copo de água fria, os lados estão gelados, cubos de gelo tilintando dentro. Você puxou a sua saia até a cintura, braços descansando ao lado do corpo, as palmas para cima e abertas. Esperando.

"Bom", diz ele, encontra-se em cima de você. Forte e empurrando, sempre empurrando. "Boa menina, Alice."

Depois, ele vai lhe dar a água e uma embalagem de iogurte. Ele vai sentar-se com uma mão enrolada em torno do seu joelho. Vocês vão ver televisão juntos. Ele irá dizer-lhe como você é sortuda.

"Sim", você vai dizer. "Eu sei que eu sou."



3

ERA UMA VEZ, EU NÃO VIVIA em Shady Pines.

Era uma vez, o meu nome não era Alice. Era uma vez, eu não sabia como tinha sorte.



4

EU COMI CATORZE CHOCOLATES DE AVELÃ, doces, redondos e envolvidos em folha de prata que estalava quando eu abria e mordia.

Eu também comi seis biscoitos, frágeis e longos tubos cheios de chocolate, uma coisa com gosto de queijo velho, tudo gordura e amargura; e duas balas de menta antes que uma mulher com uma camisa azul céu viesse e chamasse o meu nome.

As mulheres que eu estou sentada, com todas mais velhas, todos os compartimentos da leitura que com promessas de jantares rápidos e crianças felizes, expressões aliviadas.

Eles notaram a pilha de invólucros em torno de mim, perceberam como eu me sentei e comi enquanto eles bebiam refrigerantes diet ou água, e dei a todos os outros olhares cautelosos se eles chegarem perto do doce enquanto pego outra revista.

Eles sabem que eu não pertenço aqui, que há algo não está certo sobre mim.

Mas eles não farão nada sobre isso. Eles dirão nada, e não farão perguntas. Ninguém faz. Ninguém tem.

Ninguém jamais saberá.

"Alice?" A mulher de camisa azul céu pergunta novamente, e eu me levanto, engolindo um último pedaço de biscoito. Farinha e açúcar, frágil doce.

Há uma decoração de plástico na parede em frente a mim, plástico ondulado encostado a uma parede azul. Um oceano reverso, sem água para alguém se afogar dentro.

Eu posso me ver no plástico e nas ondas, uma estranha, distorcida criatura, a sombra de algo ou alguém.

Eu pareço errada.

Eu pareço morta.

Não estou, no entanto.

Eu só estou meio lá, uma garota morta viva.

Tenho sido durante cinco anos.



5

ERA UMA VEZ, HAVIA UMA menininha.

Ela morava em uma cidade a quatro horas de distância daqui, em uma casa em uma rua chamada Daisy Lane. Ela tinha uma mãe e um pai e seu próprio quarto e uma TV e por vezes, poderia ficar até tarde para assistir a filmes no fim de semana, se ela comesse todos os jantares dela.

Ela tinha um gato e três melhores amigos e queria trabalhar com golfinhos. Ela tinha pôsteres deles em suas paredes, e sua proteção de tela do computador, um golfinho com os olhos quentes e um doce sorriso brilhando para você. Todos os seus animais empalhados, exceto os estúpidos que seus avós lhe deram, foram os golfinhos.

Um dia ela foi para o aquário. Ela usava calça jeans, uma camisa branca (sem logotipos, sem desenhos) e tênis (branco, com meias brancas). Ela foi com sua classe de quinta série, já que eram três dias antes de seu décimo aniversário, ela pensou se seus amigos a deixariam sentar perto da janela no ônibus.

Eles não fizeram, e quando chegaram ao aquário não havia qualquer golfinhos e seus amigos ficaram com raiva porque ela não iria emprestar-lhes seu brilho labial — era novo, tinha gosto de cream soda³, e ela não queria dividir.

Ela era uma garota um pouco egoísta.

Ela pagou por isso.

³ Cream Soda é uma bebida gaseificada doce e suave. Ela varia de país para país, mas sua propriedade mais usual é a baunilha. Seu nome se originou no Reino Unido, de "ice cream soda", pois era tradicionalmente servido com um montão de sorvete flutuando nela. Imagem: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/5/51/Creamsoda_3ltr.jpg



6

"**D**IA LIVRE DA ESCOLA?" Alguém pergunta, e eu percebo que a mulher com a camisa azul do céu se foi e eu fui dirigindo-me a uma sala onde está uma outra mulher, sorrindo e pronta.

"Matando Aula ⁴", digo, tirando minha roupa, até uma velha camisa de Ray. O cheiro dele em volta de mim, sempre.

"Eu costumava fazer isso", diz a mulher, sorrindo mais, como se partilharmos um segredo. Ela tem uma pinta no rosto com dois fios de cabelo crescendo para fora dela. Você acha que ela iria notar uma coisa dessas.

"Pronto", digo eu, deitada, a mulher gesticula pra eu abrir minhas pernas.

"Você quer isso?"

Eu aceno com a cabeça.

É suposto que ela pergunte quão velha eu sou, e talvez outras coisas. Alguma coisa. Há uma placa na frente que diz que os menores devem ter um pai ou responsável presente para assinar todos os serviços, e esta não é uma desesperada loja, morrendo de necessidade de clientes.

Este é um lugar ocupado, brilhante, onde as mulheres esperam e uma garota cujo único trabalho é de lhe perguntar se você quer algo para beber. (Café? Água? Refrigerante Diet?)

Não importa, no entanto. A mulher de pé em cima de mim não vai fazer nenhuma pergunta. Ela nunca faz. Nunca.

Nunca será.

Ela começa com cera. Meus olhos queimam e em seguida, a água, ela arranca o cabelo, tirando a minha carne.

É bom olhar para as mulheres como pequenas meninas agora, não tendo pêlos entre as pernas. As mulheres na sala de espera lá fora, as que não vão olhar para mim, estão aqui para isso também, para se transformarem em suaves, criaturas sem pêlos.

Eles terão a sua pele polida, suavizada, para que todos possam fingir que são jovens novamente.

Todos querem os jovens.

⁴ Skipping: Saltando, porém pode ser usado no sentido de gazeir, cabular ou matar aula.



UMA VEZ, HAVIA UMA MENINA QUE ESTAVA em um aquário.

Ela não iria compartilhar seu brilho labial e assim seus amigos disseram que ela não podia andar com eles.

Ela ficou furiosa e partiu para olhar para os pingüins, que não eram os golfinhos, mas pareciam agradáveis, como nos filmes que tinha visto com a sua mãe e pai. Seus lábios sabor de cream soda, mas ela realmente não gostava tanto assim (era o único sabor que restava e sua mãe tinha concordado em comprar o seu brilho labial uma vez, só desta vez, e ela sabia que tinha que tomar o que ela poderia começar) e ela sentia falta de seus amigos.

Mais os pingüins a aborreceram rapidamente. Eles só ficaram por ali olhando como se eles soubessem que não estavam em uma casa real. Olhando como eles soubessem que sua vida era apenas uma mentira.

Um homem bateu em seu ombro e disse-lhe que ela precisava ir encontrar sua turma, que estava assistindo a um filme.

"É já começou", disse ele. "É melhor se apressar".

"Ah", disse a menina. "Onde?"

"No cinema."

A garota olhou para ele fixamente. Ela não sabia onde era. Eles haviam ganhado mapas, quando entraram, mas ela e seus amigos não tinham olhado para eles. Eles eram vermelhos brilhante com aparência de terem sido elaborados por um bebê e tinham estúpidas flechas sobre eles para mostrar onde você estava quando você começou no mapa. Estúpido. Como eles não sabiam onde estavam?

Eles amassaram-no e jogaram fora. Então ela não quis emprestar-lhes seu brilho labial.

Então, ela estava sozinha.

O homem suspirou. "Tudo bem, eu vou lhe mostrar. Venha comigo."

A garota sabia que não era para ir a qualquer lugar com estranhos, mas o homem tinha uma camisa azul como todos os que trabalhavam no aquário e ele estava de mau humor, como a senhora que disse-lhes boas-vindas e ficou quieta na mesma sentença. Ele era apenas um chato, adulto chato, não como os estranhos, ela foi avisada sobre, com intervenções docemente assustadoras, coisas como Oh menininha, vem sentar no meu colo, ou passeios oferecidos ou doces ou segredos.

O homem levou-a para fora, porque a sua classe estava em outro edifício, o novo. Ela viu quando ela entrou, e se questionava por que iria a um cinema, sem os golfinhos.



Antes que fosse para fora, antes mesmo que eles deixassem os pingüins (que ainda estavam apenas ali, sem fazer nada, como se estivessem a observá-los), deu-lhe um boné de beisebol ⁵.

"Todo mundo tem um", disse ele. "Esse é o único que resta, porém, este é muito grande. Melhor colocar o seu cabelo embaixo dele. Talvez ele fique melhor dessa forma."

Então a menina empurrou os seus cabelos sob o boné pra o boné não cair e foi para fora. Quando ela o fez, o homem ficou para trás para dizer uma coisa para a mulher na porta.

Todo o seu discurso adulto e enfadonho.

⁵ <http://www.walyou.com/img/Guinness-Bottle-Opener-Baseball-Cap.jpg>



8

“TUDO BEM, ALICE,” A MULHER DILACERANDO minha carne disse. “Você pode se levantar agora. Nós acabamos.”



A MENINA FOI PARA FORA, E O homem junto a ela em três passos fáceis. Ela ouviu-o vir — um passo, passo dois, três — e suspirou, ansiosa para voltar aos seus amigos.

“Nessa direção,” ele disse, e ela o seguiu.

"Desculpe eu tive que parar por um segundo ali", disse ele enquanto caminhava. "Eu tinha de perguntar à senhora onde a porta da loja de presente estava. Ela pensou que você fosse o meu menino. Não é engraçado? Você não parece como um menino absolutamente."



10

ERA UMA VEZ, NAQUELE MOMENTO, foi quando o mundo de uma menina terminou.



11

“TENHA UM BOM DIA, ALICE,” A mulher me diz quando eu estou saindo, acenando sem olhar para mim. São apenas três passos para deixá-la para trás, a porta de sua pequena sala com a sua luz e dor e cera quente.

Ray diz como é triste as mulheres tentarem duramente serem jovens, para fingirem que são algo que todos esqueceram.

"Você nunca lembra a melhor parte de você mesmo quando vou cresce Alice," ele me diz. "Minha mãe me disse isso, e é verdade. Então o que você faz?"



12

NUNCA CRESÇA.

Tal como algo fora de uma história, possivelmente.

Tente dizer o quão quente é um forte aperto de mão, as provas para ver se você ainda é criança o suficiente.

Tente dizer que você não pode crescer, quando você está sempre preso aonde alguém quer que você esteja.



13

LEVANTE-SE.

Essas foram às primeiras palavras que eu ouvi.

Abro meus olhos, vejo uma garota, inteiramente preta e azul, com sangue seco ao longo de suas coxas. Manchas marrons avermelhadas sobre os lugares sem pêlos.

“Levante-se e tome um banho, Alice,” o homem da camisa azul diz, e Alice fez.

Eu fiz.

E é assim que eu nasci. Despida, sem pêlos, coberta de sangue como todos os bebês.

Nomeada, banhada, e então depois levada para o mundo.



14

EU PAGO PELA MINHA DEPILAÇÃO E ESPERO O MEU recibo. A mulher que imprime pergunta se eu quero deixar uma gorjeta.

“Eu dei-lhe cinco dólares, já.” eu digo. “Você pode colocar isso na conta?”

A mulher franze as sobrancelhas e escreve algo mais em seu computador e em seguida imprime um outro recibo.

Eu saio e caminho até o ponto de ônibus.

Ao longo do caminho, eu paro em uma loja de conveniência e compro cinco dólares de cachorros-quentes e doces. Dois cachorros-quentes, com queijo, e três barras de chocolate, na promoção. Um adesivo laranja e brilhante atrás dos doces dizia VALOR ESPECIAL!

Eu como tudo antes de o ônibus chegar, até mesmo as barras de chocolate, esse chocolate está velho, com teias de aranha cinza, eu jogo todos os pacotes longe.

Aqui vai uma dica: Não deixe evidências para trás.



15

ERA UMA VEZ, UMA MENINA que morava na 623 Daisy Lane que desapareceu. A polícia interrogou todos, até mesmo uma mulher que se lembrou de falar com um homem o qual tinha um menino, que havia passado pelo estacionamento. Lembrou-se, porque ele perguntou onde era a loja de presentes e disse obrigado depois que ela lhe disse.

“Ninguém diz obrigada mais,” ela disse a polícia. “Ninguém fica grato por qualquer coisa.”

Ray deixou me vê-la dizer isso na TV, e depois desligou e sorriu para mim.



16

EU CHEGO EM CASA ÀS CINCO, QUE É DEPOIS do que Ray. Ele trabalha 7–4⁶ todos os dias, com uma hora para o almoço, os caminhões de carga em um armazém que caixas prontas para o uso na montagem de moveis, do tipo que vem com instruções com imagens e um monte de pequenos parafusos. Todos os nosso moveis são de lá, e todos eles se inclinam para um lado, segundo fabricante.

Erros.

Minhas mãos estão tremendo enquanto eu fecho a porta atrás de mim.

"O que aconteceu?" Ray diz. Ele ainda está comendo sua maçã. Crunch, crunch, crunch.

"Ônibus quebrou. Tivemos que esperar." Sento-me na mesa da cozinha para ser julgada.

"Que ônibus?"

"75."

Ele liga para a empresa de ônibus. Eu vejo-o jogar sua maçã longe. Há ainda alguma carne à esquerda, branca em torno do núcleo minúsculo. Estou muito nervosa para pensar em comer. Além disso, por uma vez, eu não estou com fome.

Eu não tinha escovado meus dentes. Eu estou com cheiro de comida.

E Ray vai sentir o cheiro em mim.

Eu olho para a faca no balcão da cozinha e imagino no meu peito. Eu não acho que iria demorar muito para o meu coração parar de bater.

"Tudo bem, obrigado", diz Ray, e desliga o telefone. Ele olha para mim. "Estou feliz que você não mentiu para mim sobre o ônibus, Alice."

Eu aceno. Olhando bem para ele.

Será que ele sabe sobre a comida?

"Você tem um recibo?"

Eu pesco-o do meu bolso e entrego a ele. Ele olha para ele, e depois joga no lixo. "Fome?"

Eu aceno.

Será que ele sabe sobre a comida?



Ele abre a geladeira. É a coisa mais alta em nosso apartamento, faz um som chiado estranho, como se ela estivesse lutando para se manter fria. "Você sabe o que vai acontecer se você nunca mentir para mim, não é?"

"Sim."

"Bom", diz ele, deslizando com um gracejo um recipiente de iogurte.

O ápice do compromisso é um almoço perfeito para crianças.

"Porque eu odiaria ter tempo livre de trabalho para dirigir todo o caminho até 623 Daisy Lane e esperar para que todos possam voltar para casa e... Cuidar das coisas. Helen e Glenn ambos têm novos empregos. Você sabia? Você quer sabe onde eles trabalham?"

Eu agito minha cabeça. Eu abro o meu iogurte. Ray não me dá uma colher por isso eu coloco o iogurte com os meus dedos. Meu hálito vai cheirar certo agora.

"Eu odiaria que eles chegassem em casa e me encontrassem lá, esperando por eles", diz ele. "Eu odiaria que seus pais morressem por causa de você".

"Eu não mentiria para você sobre o ônibus", eu digo.

"Eu sei, menina boba. Minha menina", diz ele, e se levanta, desabotoa o cinto. Abre as calças. "Vem cá. Me de um beijo de olá".

Eu levanto-me e caminhar até ele. Ele franze a testa e eu me arqueio deste modo eu mal chego ao seu ombro.

"Alice, meu bebê", diz ele, beijando minha bochecha.

Então ele empurra os meus joelhos.

Quando ele terminou, ele joga o resto do meu iogurte longe.

"Isso estraga tão facilmente", diz ele. "Eu não quero que você fique doente. Vamos ver televisão".

Nós fazemos. Ele bebe cerveja e encomenda uma pizza e me coloca em seu colo durante a sitcom ⁷ que ele odeia.

Estou com fome de novo agora, pensar em comida, cachorros-quentes, doces, as crostas da pizza dentro da caixa no chão.

Ray gosta de como eu sou macia, como minha pele é natural. Queimada pelo tempo que ele a toca.

"Nada de café da manhã amanhã" diz ele mais tarde "Acho que você está mais de 100 libras ⁸ a cima do peso. Isso não é aceitável".

Na hora de dormir, ele amarrota seus lençóis — nós temos um apartamento de dois quartos, porque somos pai e filha e ele quer cuidar de mim, e quer que eu tenha meu próprio quarto como outras meninas — e depois rasteja para a minha pequena cama comigo. Meus lençóis têm imagens das princesas dos desenhos animados sobre eles, com um limpo lençol rosa e com uma manta rosa.



“Eu amo você,” diz ele antes que de cair no sono. Estou com tanta fome que minha cabeça dói, me fazendo lenta, ele aperta minha coxa, duramente.

“Eu te amo também,” eu digo, mas é tarde demais e ele me segura, a respiração difícil e rápida.

“Mostre-me,” ele diz. “Mostre-me.”

E eu faço.

6 Não entendi o porquê do 7-4, mas parece-me que é a quantidade de horas que ele trabalha, agora eu não sei se é por semana ou por dia.

7 O Sitcom é a abreviatura da expressão em inglês *situation comedy* Um bom exemplo de sitcom é o seriado Friends..

8 1 libra = 453,6 gramas



17

RAY LEVANTA ÀS 6, TOMA BANHO E veste-se. Ele assobia enquanto faz a barba, e eu ouço o zumbido estrépito da geladeira, conto o ritmo do chiado. 1, 2, 3 4. 1, 2, 3 4.

Ray tentou me ensinar a assobiar uma vez, em um de seus melhores humores, mas eu nunca poderia conseguir. Ele disse que ainda me amava de qualquer maneira.

Sorte a minha.

"Nada de café da manhã, lembra?", Diz ele, sentado ao meu lado na cama, uma mão paternal na minha testa, enquanto o outro apalpa abaixo. Ele a mantém até que comece a suar, pequenas bolinhas de umidade acumulam-se nas têmporas, e em seguida se levanta.

Todo domingo, vamos para a Igreja da Liberdade. Ray acredita em Deus, e ele olha para todas as meninas no seu melhor domingo, fitas e arcos e pequenas meias com rendas sobre elas.

O dia que eu fiquei muito alta para usar o vestido branco com short, com mangas bufantes e pequenas pregas ao longo do tórax, ele encheu a pia da cozinha com água e empurrou minha cabeça nela. Eu tinha treze anos, e quando eu tentei sair dali depois que ele me segurou lá, queimando meus pulmões, dentro da minha cabeça tudo estava escuro, ele levou-me para fora e bateu-me tão forte do lado direito do meu rosto que ficou uma forma de mão no meu rosto machucado. Eu não pude sair lá fora por uma semana.

Ninguém sentiu falta de mim.

Dois dias depois, quando o meu rosto estava ainda inchado e quente, ele voltou para casa com uma mecha de cabelo de minha mãe. Ele não quis me dizer como ele conseguiu, mesmo quando eu chorava e me arrastava para o seu colo para implorar da maneira que ele mais gosta.

Ele apenas disse: "Eu decido tudo. Lembre-se disto".

Deus e monstro tudo em um, e eu tenho que o adorar.

Digo-lhe para ter um bom dia antes de deixar o meu quarto, e ele se volta a sorrir, orgulhoso.

"Eu pareço bem hoje, não pareço?"

Eu aceno. Ele parece Ray. Não há palavras para o que parece para mim.

Ele assobia outra vez enquanto ele sai.

Eu fecho meus olhos.

Existem várias mulheres na Igreja da Liberdade que pensam que Ray é atraente, com a cabeça cheia de cabelos e roupas cuidadosamente apertadas.



Elas gostam de como ele é muito rigoroso comigo, dizem que quando falam com ele, sua mão está apoiada no meu ombro (lembre-se do que vou fazer se você tentar me deixar, lembre-se a quem você pertence). Seus olhos brilham com a esperança. Elas querem ser cuidadas, e pensam que Ray poderia fazer isso por elas.

Ele ri no caminho de volta para casa, ri da forma como velhas e tristes elas são. "Não gostam de mim", diz ele, e então coloca uma mão no meu joelho. "Não gostam de você."



18

EVENTUALMENTE EU SAIO DA CAMA E caminhar até o banheiro. Nós ainda não temos uma banheira, apenas um chuveiro, mas eu ignoro-o e escovo os dentes, engolindo a pasta de dentes, em vez de cuspi-la. Eu já ouvi que pode ser venenosa, mas eu acho que é só se você for muito jovem.

Eu tenho 15 agora, e eu continuo esperando por Ray se cansar de mim. Eu não sou menor, com joelhos fazendo covinhas e olhos assustados. Estou quase tão alta quanto ele, e sua licença diz que ele tem 5'7" ⁹.

Ele gosta da foto. Ele diz que ninguém tem uma boa foto na carteira de motorista, exceto ele.

Eu estou com 15 anos, esticando, não mais de 100 libras ¹⁰. Eu nunca pude pesar mais do que isso. Ele mantém meus seios pequenos, meus quadris estreitos, minhas coxas do tamanho que Ray gosta.

Eu tenho 15 anos usados, cansados de tudo.

Eu tenho 15 anos, e eu acho que logo ele vai me deixar ir.

⁹ Multiplique o pé por 12, pois um pé é o que equivale a 12 jargões; Some com as polegadas; E Multiplique a 2,54 que é o equivalente a uma polegada. Conta: 5'7"

$5 \times 12 = 60$ $60 + 7 = 67$ $67 \times 2,54 = 170,18 \text{ cm} \cong 1,70 \text{ metros}$ é a altura do Ray.

¹⁰ 45 kilogramas aproximadamente.



19

HAVIA UMA OUTRA ALICE ANTES DE mim. Ray a deixou ir quando completou 15. Ele a levou todo o caminho de volta para onde ela morava, onde ela estava quando ela era uma outra menina, de volta para o ela de antes.

Seu corpo foi encontrado em um rio, flutuando apenas um quilômetro da casa em que ela cresceu.

Ray me contava essa história muito, me puxando para perto e dizendo: "Mas eu vou ter certeza de que não acontecerá com você. Eu vou mantê-la segura. Tudo que você tem a fazer é ser boa. Seja minha menina para sempre. Você pode fazer isso, você não pode?"

Eu tenho 15, e eu acho que em breve Ray vai me matar.

Eu poderia correr, mas ele iria me encontrar. Ele ia me levar até 623 Daisy Lane e faria todo mundo que vive ali pagar.

Ele iria fazer com que todos pagassem mesmo que ele não me encontrasse. Eu pertencço a ele. Eu sou sua menininha.

Tudo o que eu tenho a fazer é ser boa.



20

ESTE É O MEU DIA:

Depois que eu mastigar mais alguma pasta de dente, eu vou para a sala e ligo a televisão. Televisão de manhã é chato, tudo são más notícias e infomerciais ¹¹, mas as nove os talk shows ¹² começam. Deito no sofá e olhar para o teto.

Às vezes, à tarde, se as novelas não são todas boas, eu assisto a filmes sobre a raiva, medo de mulheres que lutam ou adolescentes que sofrem, mas depois superam. Há sempre umas cenas no chuveiro com eles, cenas das mulheres esfregando seus estupradores com pesar.

Eu não entendo isso. Você não pode fazer-se limpa assim, e a pele fresca-limpa só chama a atenção. Ray me faz tomar banho uma vez por semana, e eu odeio sair do banheiro. Eu odeio saber que ele está esperando por mim, que ele vai esfregar as mãos e em cima de mim e sussurrar coisas. Suas mãos usadas para me fazer chorar, mas agora eu estou acostumada a elas.

A coisa é, você pode se acostumar a qualquer coisa. Você acha que não pode, você quer morrer, mas você não pode. Você não vai. Você apenas esta.

Hoje eu cheiro como Ray, o que é normal, e um pouco como a cera de ontem. Minha cabeça coça, e eu coço até a parte inferior das minhas unhas estarem vermelho brilhante. Eu agito o sangue e pedaços mortos de minha cabeça no chão, e levanto-me para tomar minhas pílulas.

Ray não quer que eu tenha espinhas ou minha menstruação, e por isso faz-me tomar um comprimido para ambos os dias. Uma para secar espinhas da minha pele, e faz com que o sol manche-a de vermelho e irrite-a. Uma para evitar minha menstruação o meu faz exatamente isso, e apesar de os anúncios na TV dizerem que só faz a sua menstruação menos dolorosa, eu nunca tive a minha.

Eu não pergunto o porquê para Ray.

Eu só tive a minha menstruação uma só vez, no ano passado, e Ray ficou tão irritado, que pegou uma faca e me fez sentar em uma cadeira no canto da sala. Ele me olhou por um longo tempo, longo tempo, e então me amarrou à cadeira e me deixou lá até que o sangramento parasse. Ele não quis falar comigo, não olhava para mim. Comida e água uma vez por dia, uma ida ao banheiro a cada manhã e noite. Uma vez, eu me levantei e sangue escorreu pelo meu pé e sobre o tapete e ele o jogou para cima.

E então ele esfregou na minha cara.

Quando o sangramento parou, ele me fez esfregar-me, a cadeira, o tapete ao redor dela, e então jogou a cadeira fora e me deu os comprimidos.



"Nós podemos resolver isto", ele disse, e me embalou nos braços, minhas pernas com câibras de serem enroladas para assim eu caber em seu colo. "Você é minha Alice. Você é minha menininha. Você é tudo que eu sempre quis."

11 Informeciais são longos comerciais de TV, normalmente com cinco minutos ou mais.

12 Talk show é um gênero de programa televisivo ou radialístico em que uma pessoa ou um grupo de pessoas se junta e discute vários tópicos que são sugeridos e moderados por um ou mais apresentadores.



21

RAY ENCONTROU A ALICE ANTES DE MIM QUANDO ele tinha dezenove anos e ela tinha oito anos. Ele manteve os recortes de jornal a partir de quando a polícia encontrou o corpo dela, desde o funeral e depois. Às vezes, quando ele lê-los, ele toca a foto dela no artigo, foto em preto e branco de uma menina perdida, e chora.

Ele chora e diz que sente muito, muito, e se posso perdoá-lo? Cabeça no meu colo, a respiração quente nas minhas coxas.

Eu digo sim por ela. Eu digo sim e uso isso para descobrir quantos dias até que eu tenha quinze anos, enquanto ele esta debruçado sobre mim.

Agora esta aqui, todos os dias se passaram, e eu não posso ajudar, mas pergunto o que ele está esperando.



22

HOJE É UM BOM DIA EM TALK SHOWS, e eu sento e assisto as pessoas chorem e lutarem para saberem sobre quem é o pai do seu bebê e porque amam seu primo e como suas mães se vestem como prostitutas. O público é sempre tão animado, tão feliz com toda a miséria.

Às vezes, os programas falam sobre as mulheres mais velhas com olhos perdidos e rostos redondos que choram por terem sido abusadas quando eram mais jovens. Eles chamam os nomes de seus Rays e gritam e o apresentador aquecer os ombros ou lhes dá um rápido abraço armado e diz coisas como: "Mas você sobreviveu. Você é forte." Então eles perguntaram por que não disseram nada.

Por que você não contou a alguém?

Por que você não pediu ajuda?

Por que você não deixou?

Por que você não se respeita o suficiente para escapar?

As mulheres geralmente deformáveis transformam sua carne em uma concha, e tornarem-se trêmulas garotas mortas vivas, presas. Algumas vão dizer que ninguém escuta, que as pessoas não querem ver, e que se você tentar alguma coisa, qualquer coisa, você não vai sofrer, mas outros o farão.

O público sempre vaia e diz que Você Deveria Ter Feito Alguma Coisa. Você devia ter lutado mais. Você deve ter conhecido alguém que tenha esse tipo de poder. Você deveria ter sido forte.

Você não deveria ter sido tão estúpida.

As mulheres acenam e fungam. Elas ainda estão quebradas. Elas ainda concordam com qualquer coisa que alguém queira.

Mesmo as que tentam explicar acabam com a cabeça abaixada, suas mãos em sua volta. A menina está pronta para dizer que está arrependida.

Tudo culpa nossa. Sempre.



23

A COISA É, VOCÊ PODE TER ESSE tipo de poder, e todos aqueles do público sabem disso. É por isso que eles gritam. É por isso que dizem que Você Devia Ter Feito Alguma Coisa.

Eles têm poder demais.

Eu gostaria de vê-los quando ele for tirado. Eu gostaria de ver O Que Fariam em seguida.



24

OS TALK SHOWS MAIS CHATOS, SÃO aqueles com celebridades com dentes brilhantes e músicos que juram as suas canções são do coração, são os próximos.

Eu olho pela janela para o estacionamento vazio. Todo mundo que vive nos apartamentos Shady Pines trabalha. Todas as pessoas têm um emprego ativo, longos dias, e chegam em casa cansados. Nos cinco anos em que eu estive aqui, três pessoas que aprenderam o meu nome, e duas delas eram mais jovens, versões mais suaves de Ray, ovos que ainda não apodreceram. Ambos me disseram que eu poderia vir "visitar" a qualquer momento que eu quisesse.

A terceira era uma mulher. Ela era velha, curvada e enrugada, e andava com uma bengala. Ela disse que eu deveria estar na escola e perguntou o que eu estava estudando, quando eu disse que meu pai me ensinou em casa. Ela às vezes se sujava com coco e tinha uma filha, preocupada com o futuro e com raiva, vinha vê-la a cada três meses depois dela se mudar.

A velha disse para Ray que ele era uma abominação quando ela saiu, mas ela também disse para o carteiro e os três meninos brincando na calçada. O apartamento foi alugado pela família indiana, um homem, uma mulher, e quatro meninas. Eu pensei que poderia Ray gostar das meninas, mas ele disse que elas eram feias escuras e tinham dentes ruins.

Vejo-as na sala algumas vezes, elas nunca olham para mim. Eu sou mal cheirosa e estranha, uma menina de cabelos sujos que não vai à escola e rouba as pessoas que deixam alimentos semi-comidos nas máquinas de lavar roupa no porão.

Eles sabem que eu sou errada, e ficam longe.

Eu tenho permissão para almoçar e eu comer iogurte durante uma novela, lambendo a colher devagar e com cuidado, garfadas pequenas assim como as preocupações de Storm ¹³ que está apaixonada e Dessen que quebra os vidros, porque Emily quebrou seu coração e fugiu com o seu irmão e a sábia tia Marge afaga as mãos da preocupada Henna e diz a ela que Craig vai ver que ele a ama, que ele só precisa de tempo. Craig estava com Emily antes, mas agora ele ama Henna e eu acho que logo ele vai amar Susan. Ela é apenas uma menina agora, mas em seis meses, ela terá vinte e um médico ou um advogado e vai jurar que ela odeia e ele a pegará e ela vai beijá-lo.

Eu amo novelas. Se eu morasse em uma cidade como Ridgefield, a tia Marge ia me ver e me convidar e em seguida chamaria sua filha ou filho, que seria um policial ou um advogado, e eles viriam me salvar e eu iria viver com eles e ele não gostaria de mim, mas viria a amar-me depois que eu salvasse de um afogamento ou quase salvasse da morte por um incêndio. Eu nunca teria que comer ou até mesmo estar com fome.

Eu sempre seria escutada.

¹³ Seria tempestade, porém é o nome de uma das personagens da novela.



25

QUANDO RAY CHEGA EM CASA ÀS 4:30, eu dou-lhe um copo de leite. Ele não acredita em beber álcool, sua mãe lhe disse que era um pecado. Eu esfrego suas costas e pés, enquanto ele observa o que o programa do juiz mostra antes que venham as notícias.

Ele gosta de Juiz Hammer, que foi um juiz militar e que grita, "Justiça dói!" Quando as pessoas choram durante o seu veredicto. O caso de hoje é sobre um homem que diz que sua ex-namorada lhe deve dinheiro e levou seu carro. Hammer diz a ex-namorada, com goma de mascar e inclinada para frente para a câmera assim todos podem ver dentro da sua blusa para pagar, e Ray diz: "O que caco velho. Qualquer um pode dizer que o cara está mentindo".

Eu aceno — Ray acha que as crianças devem ser vistas e não ouvidas, assim como sua mãe lhe ensinou — e ele suspira, coça a barriga, e continua. "Você viu como ele ficou piscando? Sinal clássico. Você sabe, eu fui ao funeral de Alice e conversei com os seus pais e disse que eu desejava saber o porque de ela ter fugido todos esses anos, e eles não tinham idéia de que ela estava comigo porque eu não sei piscar dessa maneira. Eles não tinham idéia de quanto ela me amava." Ele suspira. "Quanto eu a amava."

Ele acaricia meu cabelo. "Ela nunca foi tão boa como você".

Eu pressiono minhas mãos aos pés de Ray, olhando para a parte inferior amarela de suas meias. Eu vi televisão o suficiente para saber que em Ray está faltando algo diferente de sua alma. É como se você o ver, e ele ser uma pessoa, mas se você olhar bem de perto, você pode dizer que ele não é. Como debaixo de sua pele, ele não é oco. Ele apodreceu por fora.

"Você é muito alta, porém," ele diz, franzindo a testa, e empurra as minhas mãos de seus pés, arrastando-me para ele. Mãos na minha garganta. "Alta demais e você quer me deixar, não é? Você teria fugido em um segundo se eu deixasse. Você não se importaria se todos em 623 Daisy Lane tenham de morrer por você. Tão egoísta."

"Eu não quero sair", digo-lhe, rachando as palavras como o mundo está ondulado em torno das bordas. "Eu quero ficar com você."

"Mentirosa." Ele aperta mais. "Você sempre diz isso, e então um dia eu vou chegar em casa e vou encontrá-la, conversando com as pessoas, talvez contando-lhes histórias." Ele franze a testa. "Minha mãe odiava contadores de histórias. Você sabe o que ela costumava fazer para mim quando eu fazia isso?"

Eu não posso respirar, mas não é por isso que ele diminui a pressão. Ele permite isso um pouco para que eu possa acenar. Porque ele sabe que eu vou. Eu não sou forte, não posso impedi-lo ou mesmo diminuir ele. Só posso esperar que ele fique tão cansado de mim que ele me deixe morrer e siga em frente.

"Ela me punia", diz ele. "Pendurando-me para baixo e me mostrando que tudo o que nós pensamos, é pecado. Como estamos todos no pecado." Ele cospe a última palavra para fora, como se pudesse prová-la, e então toca o meu cabelo, desliza os punhos por debaixo da minha camisa e aumenta o aperto no meu seio direito o pequeno pedaço que estava lá. "Você seria esse tipo de mãe?"



"Não"

Ray nunca chegou e disse isso, mas eu sei que conforme os anos ouvindo os seus sonhos com sua mãe e o que ela fez com ele e o que ele faz comigo. Pendurá-lo de cabeça para baixo, esfregá-lo até esfolá-lo, quebrar-lo. Neles, ele chora e implora a ela para não tocá-lo, que ele não quer ir para dentro dela, que ele é um bom menino, ele realmente é.

Eu deixo Ray ter seus pesadelos, vê-lo debater-se e ouvir suas voz guinchada com medo. Eu deito ali e vejo e desejo que ele estivesse preso lá atrás, com ela, e nunca tivesse se livrado.

Mas sua mãe morreu quando ele tinha dezoito anos, queimada até à morte porque ela dormiu fumando um cigarro. Ray tem um cheque do seguro da escola da igreja onde ela trabalhava como secretária quando se afastou.

Ele conheceu a primeira Alice um ano depois.

Sua mãe nunca fumava. Mas ela era uma mulher tão privada, ele me disse que as pessoas apenas supunham que ela guardava um segredo. Parecia o tipo de fazer isso.

"Você não está escutando", diz Ray, e apertar as mãos novamente. "Você sabe que você deveria ouvir quando eu falo." Ele me empurra para o chão e puxa as minhas calças.

Eu fico olhando para o teto, enquanto ele soa e pressiona a minha garganta, o ar doendo em meus pulmões até que ele agarra o meu cabelo e diz: "Eu sei o que eu vou fazer. O que vai mudar."

Ele empurra mais rápido, então, mais duramente, e bate a minha cabeça no chão mais e mais até a minha visão estar brilhante e difusa e há vertentes nos meus cabelos apanhados em sua mão.

Eu penso na faca da cozinha, das pontes que eu vi no ônibus ou no caminho para a igreja ou no supermercado (Ray e eu vamos a cada sábado de manhã. Ray olha para as meninas e eu olho para a comida), e eu sinto espasmos em meu coração.

Vai acabar logo, o fim, mas a coisa sobre corações é que eles sempre querem continuar a bater.

Eles querem permanecer batendo, e quando Ray terminou ele diz, "Eu gosto disso. Uma família. Você seria uma boa mãe, não é? Deixe-me cuidar de nossa própria menina? Deixe-me cuidar dela? Ajude-me a ensinar tudo o que ela precisa saber?"

"Uma menininha?" Em todos os sonhos que tive, e que os sonhos são pequenos, os sangrentos que terminam com flutuando livremente, eu nunca sonhei isso.

Ele treme dentro de mim, sorrindo mais nitidamente "Ela vai ser tão ruim num primeiro momento, chorará e lamentará e talvez até mesmo grite." Seus dedos no meu cabelo. "Você chorou, lembra? Você gritava. E agora olhe para você. Feliz como está."

Eu aceno, minha mente dormente como o resto de mim. Ele não vai me deixar ir. Ele quer que eu fique. Ele quer que eu encontre uma garota para ele.

Para nós.



Ele pretende isso. Eu vou encontrá-la para ele, uma menininha bonita e estúpida, tão idiota quanto a que costumava viver em 623 Daisy Lane, e vou mostrar-lhe. Ele a quer com seus pequenos braços e pernas e sua face feliz e sólida, e sua carne viva.

Ela se tornará a nova Alice, e ele a quer tanto que ele vai esquecer tudo sobre mim. Ele vai me matar para lhe ensinar uma lição, provavelmente, e depois siga em frente. Sim, é isso que vai acontecer.

O que deve acontecer.

"Eu vou ajudá-lo", digo a ele. "Eu vou encontrar o que precisa."

Ele beija o meu rosto e então me rola, fazendo sinal para eu me levantar. "Essa é a minha garota".

Não por muito tempo, eu penso, e curvando-me, tocando meus dedos em minha boca frisada.

"Eu vejo isso", diz Ray, e puxa meu queixo para cima, olha para mim. "Eu vejo aquele sorriso. Você quer me ajudar, não é? Você quer ensinar tudo a nossa menina eu gosto disso."

Eu aceno, e ele me empurra para baixo novamente, esquecendo o jantar, em suas visões desta menina que virá, esta nova criança. Esta nova eu.



26

EU TENHO PERMISSÃO PARA SAIR DE CASA na tarde seguinte.

Ray deu-me uma passagem de ônibus e disse-me o nome de um parque que ele quer que eu vá ver. É perto do apartamento, mas não demasiado perto, uma curta viagem em seu caminhão, mas uma longa viagem no ônibus, e ele diz-me para lembrar de tudo que eu vejo.

Eu chego ao parque após sentar-me em dois ônibus, e pestanejo para todas as pessoas de lá. Tantos deles, e todos tão jovens. Eu nunca vou lembrar de tudo, mas encontrar um banco que tem malas e mochilas atiradas em uma pilha perto dele de qualquer maneira, vejo crianças correndo de um lado a outro e puxando lanches e bebidas, criando um rastro de migalhas por toda parte.

Eu tento me concentrar, mas o mundo é desorientador, girando tão como eu penso no que vou encontrar aqui. O prêmio de Ray. A nova eu.

Ela tem que ser a correta. Ela tem de fazê-lo esquecer tudo.

Ou pelo menos eu.

Eu tomo fôlego, para reduzir a velocidade do mundo, e olho.

Eu olho e vejo uma garota lá. E ali. E por lá. Pegu um caderno, e pegou um lápis.

A primeira menina é loira e uma gordinha, um polegar chupado ¹⁴. Ray gostaria de ensinar-lhe para não fazer isso. Eu cuidadosamente anoto a loira e o polegar.

Ela tem uma babá ou mãe, embora, uma mulher que leva um embrulho com folha de morcegos para longe da menina, irritada. Ray não vai gostar da mãe / babá pairando ao redor. Mas ainda. As pessoas podem ser distraídas, e Ray realmente não gosta de desperdiçar comida.

As outras meninas que eu vejo ambas de cabelos escuros, como eu, e ambas estão sozinhas talvez deixadas por um irmão ou irmã que tinha de "prestar atenção" nelas, ou talvez elas jurassem ir direto para casa depois da escola, mas vieram para cá ao invés. Elas não jogam tantas estão de pé, taciturnas, observando os outros. Elas gritam e chutam, eu posso dizer. Ray seria assim também. Eu escrevo gritar e chutar, 2, e depois sento-me com o rosto voltado para o sol. Eu não me incomodo de fechar os olhos.

"Você viu o meu caderno?"

Eu pisco, luz queimando a distância, e vejo uma menina de pé em frente de mim. Seis? Sete? Oito? Não importa. Ela é jovem.

Ela é jovem, cabelo loiro-castanho, e é ferozmente limpo e brilhante, e não há uma partícula de poeira em sua camisa branca pequena ou saia rosa com uma flor sorrindo na bainha.

"Caderno?"



"É verde e tem um sapo nele", diz ela. "Eu fui ao balanço e agora ele não está aqui."

"Não", digo, afago com os meus dedos a capa do caderno que eu estou segurando fechado contra meu peito. Indícios de um adesivo de sapo grande. "Alguém deve ter tomado".

"E o meu lápis."

"E o seu lápis."

Ela suspira e se senta. "É o meu favorito. Meu pai me deu no meu aniversário".

"Oh", eu digo, e quebro o lápis ao meio, sorrindo quando os seus pedaços caem no chão sob o banco onde estamos sentadas.

"Eu não gosto de você", diz ela abruptamente. "Você não é boa."

Ela se levanta e vai até os balanços. Debruço-me e pego o meio lápis debaixo do banco. Eu escrevo ALICE em letras grandes na página, em seguida, arranco-a e deixo o caderno no banco, metade do lápis quebrado ao lado.

Eu tinha encontrado a nova garota de Ray. Achei a nova eu. Eu penso sobre ela todo o caminho de casa, como ela vai chorar e gritar e implorar assim como eu fiz.

Isso me faz sorrir.

Todos no ônibus que me vêem sorrindo parecem se afastar. Eles vêem que eu estou errada, que o meu sorriso significa a dor de outra pessoa.

Mas ninguém diz nada.

14 No sentido de chupar dedo, como um bebê.



27

TRÊS LIÇÕES DE VIDA:

1. Ninguém vai vê-la.
2. Ninguém vai dizer nada.
3. Ninguém vai te salvar.

Eu sei o que as histórias de Era Uma Vez dizem, mas elas mentem.

Isso é o que as histórias são, você sabe. Mentiras.

Olhe para isso, quatro lições de vida. Agora você me deve.



28

EM CASA, RAY ESTÁ CANSADO E ADOENTADO e faz-me andar na escala três vezes antes do jantar eu estou autorizada a jantar. Dou-lhe o que eu escrevi a página marcada ALICE, antes que ele me dê o meu iogurte, e por um momento acho que ele vai tirá-lo, mas ele não o faz.

"Você não pode escrever alguma merda que valha a pena", é tudo o que ele diz. "Ainda bem que você voltou para eu tomar conta de você."

Eu engulo uma colher de iogurte e peço para pegar um copo de água. Ray não vai me deixar ganha-lo, mas em vez disso leva-o para mim, fazendo sinal para eu me levantar para que ele possa se sentar na minha cadeira.

"Diga-me sobre elas", diz ele, jogando o papel fora e acariciando seu colo para eu voltar a sentar, a ondular com ele, e eu faço.

Suas mãos estão segurando meus braços duramente antes de eu mesma terminar de descrever a primeira, e eu não consigo terminar o meu iogurte.

Mais tarde, ele me deixa comer o pedaço de seu bolo de carne do jantar da TV queimado enquanto ele assiste dois médicos discutirem sobre como tratar um menino moribundo.

"Fale-me sobre elas novamente", diz ele, quando todas as luzes estão apagadas, exceto pela luz da luminária de fadas da princesa que ele conectou a parede do meu quarto, acenando com a varinha mágica para espalhar luz rosa no quarto.

Eu imagino ela derretendo, a verdadeira luz que sai dela, chama brilhante. Ray repousa ressoando enquanto ela queima, acordando quando é demasiado tarde. Isso seria uma coisa verdadeira fada madrinha para fazer. Isso seria uma coisa verdadeira de uma fada madrinha fazer.

"Bonitas", digo a Ray. "Elas estavam bastante bonitas".

"O que eles estavam vestindo?"

Eu combino trajés, vestidos com babados poucos com faixas e pequenas meias brancas dobrada em sapatos delicados. Foi assim que ele vestiu-me durante anos, até os vestidos deformarem abertos em meus quadris e nos peitos, até que meus braços saíssem estrangulados e vermelhos nas mangas de fita.

"Eu desejo que nós possamos tê-las todas", diz ele. "Mas não podemos ser gananciosos. Ser ganancioso é ruim. Como você esta noite, comendo a carne. Você acha que eu não iria vê-la?"

"Eu-" Eu digo e depois paro, ainda, concluo estúpida, contando histórias sobre essas meninas, esquecendo-me que nenhuma delas está aqui, que ainda há uma só que ele pode envolver em torno de suas garras.



"Você pode fazer isto para mim", ele sussurra, um fantasma que está muito real no meu ouvido. Mãos quentes me apertando muito apertado, mas só quando as pessoas não vão ver.

E mesmo que decorando meu pescoço com um anel de impressões digitais e me deixando deitada na rua, ninguém notaria. Não em Shady Pines, onde todos estão ocupados trabalhando para manter os filhos alimentados, mal pagando suas contas. Não é em qualquer lugar, porque eu não sou nada, sem ser vista.

Eu aprendi da maneira mais dura.



29

EU NÃO LEMBRO DA MINHA PRIMEIRA SEMANA COM Ray, aqueles dias em que eu estava sendo transformada em Alice, exceto por uma coisa. Uma coisa que me mostrou tudo o que ele disse era verdade, que ninguém me queria de volta, que eu tinha que ficar com ele, que se eu não ouvisse coisas ruins aconteceriam.

Acordei em algum momento, quebrada e machucada, Ray dormindo e roncando em cima de mim. Eu mexi-me como um peixe e deslizei para fora de debaixo dele, jogando em uma pilha de roupa limpa deitado sobre uma mesa. As roupas da Menina-que-tinha-brilho-labial-de-cream-soda. Menina-que-sabia-que-não-podia-ir-lá-fora-despida de roupas.

Roupas normais da menina.

Havia uma porta no quarto e eu abri, sai em um estacionamento iluminado por uma luz oscilante, morrendo na luz da rua, um pequeno sinal desvanecido na estrada que se lia ROUTE 40 MOTEL-WEEKLY VAGAS DISPONÍVEIS.

Do outro lado da rua tinha um posto de gasolina, o tipo com uma loja que vendia os alimentos e as pessoas tinha.

Eu não esperei para atravessar. Eu corri. Eu corri o mais rápido que pude, corri direto para os anúncios de refrigerante: 2 POR \$ 2! E cachorros-quentes: AGORA COM SOBREMESA DE GRAÇA!

Não havia carros, mas dentro havia uma mulher sentada atrás de uma grande folha de plástico, mascando chicletes e assistindo TV. Ela tinha cabelos escuros, como minha mãe, e logo que a vi, comecei a chorar.

Ela olhou para mim, e eu esperei para ela se levantar. Para vir e me salvar. Mas tudo o que ela disse foi: "Nós não permitimos que ninguém aqui sem sapatos, até mesmo crianças. Você é que está na bomba oito?"

"Claro que sou", disse Ray, e apertando uma mão ao redor do meu braço. Eu chorei mais, as palavras, finalmente, começando a chegar, levantando-se como eu percebi que tinha de levá-las para serem escutadas, para ver o que estava realmente acontecendo.

E depois Ray se inclinou e sussurrou: "Cale a boca ou eu vou dirigir de volta para sua casa, para não levá-la para casa, mas para matar seus pais e fazer com que você assista. Faça você ver o que acontece com meninas que não ouvem."

Eu não queria que meus pais para morressem, e eu já sabia que Ray faria isso. Que ele devia e podia e não mentiria sobre outras coisas — Não se mecha e não vou te machucar. Diga-me onde você mora e eu prometo eu vou te levar pra casa agora. Será bom será divertido, e você quer que seja bom, não é? — Mas ele não estava mentindo sobre isso.

Ele me levou para seu carro. Ele tinha um carro então, um branco com um banco traseiro estreito que eu ainda posso ver mesmo com os olhos bem abertos, e este dia na TV em que as pessoas giram em torno de si em carros algo dentro de mim grita e eu tenho que mudar



de canal ou ficar muito quieta e não deixar que Ray veja que eu machuco-me por que minha dor o faz querer prender-me. Machucar-me mais.

Eu sentei no carro e ele pagou pela gasolina e fomos embora e ele moveu-se mais para uma longa estrada arborizada e ergueu seus punhos, em seguida a dor dentro e por fora borrando tudo, quebrando tudo.

Depois disso, eu era Alice.

Eu sou Alice, e Ray sonha no meio da noite, sonhos felizes que acordam-no e fazem-no rolar em mim, apertando minha cabeça no travesseiro. Sufocar parece tão fácil, mas não importa o quanto eu pressione o meu rosto para baixo, não importa o quanto eu tente respirar no tecido, e não do ar, não há escapatória para mim.

Ele dorme com um braço atirado em mim depois, e eu deito-me com uma cortante dor em tudo, uma poça pegajosa e molhada debaixo de mim. Em breve haverá uma menininha aqui, uma real com braços e pernas pequenos para Ray empurrar para dentro.

Eu quero que ele leve-a amanhã. Eu quero essa menina aqui agora, onde eu estou. Eu quero que ela seja o amor de Ray, para suportar isso. Eu não me importo que o pastor da TV e da igreja digam que as crianças são tesouros ou pequenos milagres ou especiais.

Eles são de carne e sangue como a casca em torno de mim, uma coisa à espera de ser moldada pela vontade de alguém, e Ray quer esse trabalho. Eu não me importo se ele toma-as. Se ele pega tudo e todos, cada criança em cada lugar. Eu só quero que ele me deixe.



30

MANHÃ A MESMA COISA COMO SEMPRE, MEUS shows, a minha espera por comida, exceto eu tenho que lavar meus lençóis, água sanitária na máquina de lavar para sair às manchas. Não há ninguém por perto então eu derramo o alvejante direito em direção as manchas, vejo a macha amarela e marrom-avermelhada desaparecer gradualmente, deixo o penetrante cheiro de queimado do alvejante até que tenha espasmos no interior da minha cabeça.

Eu limpo também, porque Ray gosta de uma casa limpa, varredura e aspiração e pegar as meias que ele deixa em torno do apartamento como pequenas serpentes malcheirosas, enrolando-as dentro da cesta de lavanderia. Eu fico cansada durante, o quarto dando voltas e voltas, e me deito no chão, ouvindo a geladeira e meu coração batendo forte e rápido, thumpthumpthump no meu peito.

Como o meu iogurte, o gosto amargo na minha língua, o recipiente quente na minha mão. O refrigerador está com raiva de mim também. Eu vou tirar os lençóis para fora da secadora e roubar 25 cents ¹⁵ que alguém deixou em cima da máquina de lavar.

Há uma máquina de venda automática no edifício, mas eu não a uso. E se alguém me vir comendo e disser a Ray? Ele diz “Olá” para as pessoas ao nosso redor, casuais ondas e ocasionais bate papos sobre o tempo. Eu sou tímida, então eu apenas digo “Olá”, dói se eu não falar do modo que Ray quer ou se ele apenas sente ou prefere.

“Estudar em casa deve ser duro para você, com você trabalhando e tudo”, alguém já disse a ele, uma senhora de cabelos bronze com três meninos e um redondo estômago de grávida. “Deus te abençoe por ser tão dedicado a sua filha. Eu vou fazer o mesmo para a minha, uma vez que Devon receba a promoção e eu não tenha que esperar pelas leis nunca mais.”

Devon fugiu, e depois de um tempo, ela foi despejada. Antes disso, seus meninos muitas vezes tinham lábios rachados e pernas manchadas de pretos e azuis, e eles ficaram na casa por causa da escola, jogando na lavanderia, ficavam mais do que nunca. Ninguém nunca disse uma palavra para ela tampouco. Eu costumava beliscar a pele macia na parte de trás do seu pescoço até que eles iam para seu apartamento e me traziam biscoitos. Eu poderia dizer só de olhar para eles que eles nunca disseram uma palavra a ninguém.

Fiquei triste quando se foram mesmo que eu tenha parado de fazê-los me trazer biscoitos quando os vi vacilar quando eu vim para há lavanderia um dia. Ray alimentou-me com mais frequência, em seguida, contudo. Agora eu acho que eles poderiam hesitar até quando eles quisessem e eu os feriria até a minha barriga estar cheia.

Eu paro em um posto de gasolina no caminho para o parque, pago pelos biscoitos de manteiga de amendoim e os enfio na minha boca, um dois três quatro cinco seis. A mulher atrás do balcão tinha cabelo escuro, mas ninguém me faz lembrar de minha mãe mais.

O parque é muito lotado, as crianças mais velhas conversando e fumando, os que não se encaixam aproveitam o tempo para empurrar os pequenos ao seu redor, rindo de seu poder e de como ele funciona. Duas menininhas de cabelo escuro de ontem giram seus mordedores, fragmentos de pequenas coisas com os dentes estalando, e quando um homem mais velho,



inofensivo porque seus olhos não são nada como os de Ray, pergunta se eles precisam de ajuda elas gritam e gritam até que um policial que vagueia e pergunta o que está acontecendo, olhando entediado e esfregando abaixo de suas costas.

Vou ter que dizer a Ray que há policiais por perto. Ele não vai gostar disso. Ele não vai gostar de mais duas meninas, também. Eles verão as coisas, eu posso avisar de seus gritos, e eles viram ao local imediatamente. Eles olham para mim quando saem arrastados por policial mais velho com penugem acima de seu lábio superior e sujeira debaixo das unhas.

Não, eles não vão fazer. Elas são profundamente ruidosas sob seus olhos amarrados, a vida sendo drenada para fora delas. Ray não vai querer isso. Ele vai querer alguém cujos olhos precisam ser abertos.

Eu olho para a menina loira, a do polegar chupado, mas ela não está lá. Só vejo menina do caderno, a única coisa cheia de autoridade que falou comigo. Ela está sentada sobre os balanços, os olhos vagos enquanto ela olha para o céu. Eu não posso imaginar o que ela está fazendo. Ela não parece como se ela estivesse tentando pensar em alguma coisa, mas como se ela estivesse tentando pensar nela.

"Ela esta fingindo que ela é uma nuvem".

Eu olho e vejo um rapaz me observando. Seus olhos são como os de Ray, com fome, mas é uma fome simples, fácil de ler. Ele está olhando para mim como os meninos olham as meninas que vivem abaixo de nós quando falam com eles sobre as escadas, as mãos sob a camisa as meninas dão risadinhas e depois fingem que querem parar quando me vêem.

"Eu só vim para buscá-la e trazê-la para casa", diz ele, sentado ao meu lado, empurrando contra a minha coxa. Ele é magro, com longos dedos ossudos. "Você vai para a escola por aqui?"

"Não", eu digo, e já que eu não movi a minha perna para longe, ele se inclina em minha direção. Seu hálito cheira a pizza. Ray deixa-me comer a pizza velha. Lembro-me do sabor do queijo, da calabresa, a gordura nos meus lábios.

"Quer sair?", Diz ele, e vejo que por trás da fome seus olhos estão atordoados, como se ele não quisesse ou não pudesse ver o mundo. "Meu carro está justamente atrás de nós, e eu tenho algumas pílulas..."

"Qual é o nome de sua irmã?"

Ele pisca para mim. "Lucy. Eu sou Jake. Acho que eu deveria ter dito isso antes."

Eu dou de ombros. Ele sorri, nervoso. Vejo as gengivas, elas são cor-de-rosa - vermelhas, brilhantes. "Então, você quer...?"

Eu aceno.

Ele pega minha mão, me leva até o carro. Longa caminhada, até o carro na parte de trás do estacionamento, sombreado por árvores. Tudo sozinho. Lugar escondido. Existe um pedaço de calçada, quebrado, ao lado dele.

Houve um outro menino. Foi quando eu tinha quatorze anos, logo após Ray me obrigar a tomar a pílula. Ele assobiava para mim quando eu caminhava para o banheiro na parte de trás do supermercado, Ray dizer-me para apressar-me, enquanto esperava na fila do balcão da farmácia pelos comprimidos de colesterol.



O menino do assobio veio até mim até o banheiro e perguntou se eu queria companhia. Ele tinha espinhas vermelhas, irritadas feridas escorrendo, por todo o rosto, e quando eu disse que sim, ele piscou e virou como se ele estivesse indo para fugir até que eu caí de joelhos na frente dele.

Eu fiz porque ele estava com a aparência tão surpresa e porque sua pele tinha aparência tão irritada e porque eu vi que ele viu nos meus olhos e pensou em correr. Eu fiz isso porque ele não era nada. Eu fiz isso porque eu queria que Ray tivesse usado a faca, em vez de me amarrar a uma cadeira.

Ray viu a minha boca quando eu voltei e soube. Eu não podia sentar por uma semana depois, e minhas costas, dos meus ombros até cerca dos joelhos, era negro arroxeadado, depois verde amarelada, há muito tempo. Ambos os meus dedinhos tinham os nós dos dedos torcidos e agora, antes de chover doem.

Carro de Jake é caro, o cheiro de dinheiro debaixo do odor maduro de menino. Eu não tomo os comprimidos que Jake oferece, eu sei que nada pode levar para longe do mundo. Eu só empurro para baixo em seu assento e abro seu zíper.

"O banco traseiro é maior", diz ele, mas eu balanço a cabeça e quando ele tenta ameaçar, com as mãos agarrando o meu cabelo, eu escavo meus dedos neles, para exatamente em sua pele, até que ele move-os.

Quando eu termino, eu sento-me e limpo a boca com as costas da minha mão. Ele está olhando para mim, olhos vidrados ainda, mas algo muda no meu rosto que faz a sua expressão mudar, de alarmado. Quase assustados.

"Você...", diz ele, se arrastando para longe, e eu percebo o que ele vê. Que isto não era nada para mim, que o seu querer não era meu. Não é meu.

Eu inclino-me, fitando os olhos mais cautelosamente. Seu rosto fica vermelho.

"Eu tenho que ir", diz ele. "Sa-Saia do carro." boca trabalhando, e ele cospe, "Vadia", mas é um soluço. Eu sorrio para deixá-lo saber que eu sei que sua palavra não é nada, e ele treme, os olhos vidrados piscam rapidamente.

Eu vejo-o ir, então círculo em volta e permaneço em um aglomerado de árvores quase fora da vista dos balanços. Lucy ainda está olhando para as nuvens. Ainda sonhando.

Jake volta para pegar ela mais tarde, o rosto suavizado, os comprimidos que o vi tomar nadam através dele. Ele diz algo a Lucy, e ela para de balançar, mas não vem com ele. Ela ainda está olhando para o céu. Eu espero que ele pegue o seu braço, mas ele não faz. Ele apenas espera, com as mãos enfiadas nos bolsos, ombros curvados, e eventualmente ela desvia o olhar das nuvens e caminha, girando em largos círculos e contando histórias, fora do parque.

Eu caminho para o ponto de ônibus e espero. No caminho de volta, eu tento esboçar coisas que eu quero como montanhas de comida ou dormir sem Ray ao lado de mim, mas eu não posso. Só posso ver o rosto de Ray quando eu lhe digo que tem uma menina e que eu sei como é que podemos buscá-la. Só posso ver a sua reação quando eu lhe digo meu plano.

Eu não posso sonhar com nuvens, mas eu posso ver a faca no balcão da cozinha. Eu posso sonhar com isso dentro de mim, abrindo-me e encerrando-me no chão.



15 O centavo é a designação dada à maior parte dos centésimos de uma unidade de moeda de diversos países. O dólar americano em 100 cêntimos (ditos costumeiramente *cents*, equivalente em inglês).



31

RAY ESTAVA ESPERANDO POR MIM QUANDO CHEGUEI EM CASA, e apenas um olhar para o meu rosto fez seu punho explodir contra o meu peito perto do meu coração.

“Posso ver tudo dentro de você.” Ele cuspiu seu rosto vermelho, com a voz mortalmente baixa. “Vejo que você não entende nada. Alice, eu esperava mais de você.”

Curvada no chão, vendo pontos brancos na frente dos meus olhos enquanto lutava por ar, girando no nada enquanto meu corpo parava de funcionar por um momento atordoado, e eu não entendi por que ele voltou a funcionar novamente. Eu não entendo por que minha concha continua vivendo. Respirando. Por que ele não me escuta, não escuta essa pequena parte que tenho que não é o Ray, há aquela garota de á muito tempo atrás que quer apenas fechar os olhos e nunca mais acordar?

Daisy Lane 623. Helen e Glenn.

É por isso. Um dia eu pertenci á eles e eles não devem sofrer por causa disso.

Ray sentou ao meu lado no chão. “Estou cansado disso.” Ele falou. “Eu amo você, confio em você, eu te falo o que quero, e o que você faz? Fere-me.” Ele se curvou e puxou meu cabelo para fora da minha testa, a franja que ele cortava para mim por que a Alice tem franja.

Alice tem franja e ama ele, ela o ama.

Ele colocou uma mão na minha garganta, mais alto que o normal e a pressão foi uma forte sensação de dor, clara como luz, e eu estava falando, balbuciando, moendo as palavras através de uma garganta apertada, eu nunca planejei te machucar, nunca vou te abandonar, amo você, por favor, eu amo você, por favor.

Eu sou uma garota morta viva por que sou muito fraca para morrer. Eu odeio essas mulheres choronas na TV, por que elas são exatamente como eu, fracas, quebradas e apegadas às mãos que nos seguram no fundo.

“Planejado?” Ray falou, ainda com o rosto vermelho cuspi saído de sua boca, talvez isso tenha sido o que a ultima Alice falou, uma Alice que não era tão medrosa quanto eu sou. Que era muito mais forte.

Eu sonho com uma faca em meu peito, mas ainda não cravei uma nele. E vou pedir e implorar quando Ray forçá-la em mim.

Contei sobre o plano com palavras estranguladas enquanto Ray colocava gelo na minha garganta, massageava minhas costelas e me carregava para o sofá, com cuidado e carinho enquanto abria minhas roupas e começava a me marcar.

“Esse garoto veio e pegou a irmã” ele falou, esfregando meu pé enquanto ele encarava a televisão escura. Desligada e silenciosa ele ainda olhava para ela, inventando história na mente dele.



“Mas não até ela esperar por ele durante algum tempo.” eu falei meus dedos curvados sob os dedos dele, e minha garganta quente e dolorida. Toquei com uma das mãos o hematoma em forma de punho perto do meu coração. Pelo menos meu pé não doía, Ray sabia como massagear pés. Ele costumava fazer muito isso para a mãe dele, quando era jovem.

“Como o carro dele é?”

“Vermelho.” Eu falei, e quando o Ray parou com suas mãos sobre meu pé, e eu falei tudo o que conseguia lembrar.

Ele começou a massagear meus pés novamente, assentindo. “Então eu vou pegá-la, e quando o garoto aparecer você irá mantê-lo ocupado – eu sei que você pode fazer isso (os olhos dele ficaram raivosos e ele aumentou a pressão no meu pé) – e então eu vou encontrar você, cuidar dele, e nós...” ele parou seus olhos brilhando, e seus dedos acariciando levemente meu pé. “Colocamos as coisas da Annabel no carro dele, com um pouco de sujeira e sangue nelas. Talvez um pouco nele. E então nós desaparecemos e ele fica para trás com a história de uma garota que nunca será encontrada.” Ele riu. “Duas garotas na verdade.”

Annabel. Ele não a estava chamando de Alice. Meu coração ferido se contraiu, como um pássaro preso. “Annabel?”

“Nós iremos para o deserto.” Ele falou. “Decidi isso hoje. O deserto com certeza. Você, eu, e a garotinha seremos três. À noite você vai sentar e segurar as mãos dela enquanto eu mostro como ela é sortuda por ser amada.”

Ele estava respirando mais rápido agora e me puxou na direção dele, um puxão em meu tornozelo e ele apertou a parte de baixo do meu corpo de boneca de pano contra ele.

“Você vai segurá-la.” Ele falou, e tudo que possuo foi facilmente colocado de lado, minhas roupas caindo de mim como água. “Você vai segurá-la e eu vou amá-la.”

Ele sorriu para mim. “Você vai gostar disso, não é?”

Eu assenti por que era o que ele queria. Eu assenti por que eu iria. Ela teria o amor dele e eu iria segurá-la para que ela recebesse tudo, assim não sobraria nada para mim.

Eu não posso me salvar, e não quero salvá-la.



32

O NOME DOS PAIS da Alice antes de mim era Bob e Megan. Eles choraram tanto no funeral dela, quando ela voltou para casa que Ray se espantou como que eles viveram o suficiente para vê-la voltar para casa.

Eram essas as histórias que o Ray contava.

Suas histórias são sempre verdadeiras, o que não as deixam ser histórias.



33

PELA MANHÃ RAY ME OBRIGOU A LEVANTAR JUNTO com ele, e me colocou no chuveiro e cantarolou enquanto esfregava suas mãos ensaboadas em mim.

Eu sentei nua e com frio na cama enquanto ele abria o cofre que mantinha no quarto, todo seu salário era guardado em uma caixa a prova de fogo e indestrutível, com uma combinação que somente ele sabe. Ele paga por tudo em dinheiro, nada de cheques ou cartões de crédito como a mãe dele sempre usou, gastando dinheiro que ela não tinha e o culpando quando tudo era levado embora.

Ele contou o dinheiro uma vez, os números saindo de seus lábios como uma canção, e começou a resmungar novamente quando terminou.

“Poderemos ir á um lugar legal.” Ele falou. “Talvez um lugar com piscina. Irei observar a Annabel nadar. Um maio azul com listras amarelas para ela, e você vai secá-la com a toalha então enrolar ela e trazê-la para mim.”

Eu irei fazer isso, irei desenrolá-la da toalha e fazer com que ela fique somente em sua pele arrepiada, e deixá-la para o Ray. Irei roubar a comida dela para mantê-la pequena, para deixá-lo feliz. Irei colocá-la nos joelhos dele a noite e deixar que ela escute suas histórias de ninar.

“Vamos precisar de protetor solar.” Eu falei. “Para que ela não se queime.” Ele assentiu feliz, e então escolheu o que eu deveria usar. Não minhas calças pretas que ficavam folgadas ao redor da minha cintura e quadril, e que caíam sobre meus pés, aquela eu usava todos os dias. Nem minha camiseta cinza, que ele não quis mais depois de derramar molho de tomate na batinha, com pequenos furos nas mangas dos meus dedos puxarem o tecido enquanto o dia passa.

Eu tinha que usar jeans, escuro e rígido e pequeno demais, que se cravava em minha cintura e deixava meus tornozelos á mostra. Minha camiseta é rosa, pálida como o primeiro sinal de pele machucada, apenas um pequeno golpe para você saber que você está aqui e não vai partir. Que você deve abrir os olhos e ver.

Rosa como Ray me deixava. Eu sei disso e ele sabe também por que sorriu e esfregou o hematoma em meu peito, dizendo. “Você lembra? Lembra como você costumava ser?”

Eu lembro.

Depois que me vesti, ele me falou o que eu iria fazer. Eu tenho que chegar ao parque mais cedo do que antes, eu vou perder minha novela para chegar lá em tempo. Vou observar a Lucy. Vou esperar pelo Jake, falar com ele – e Ray semicerrou os olhos naquele momento, mordendo a palavra “Falar” enquanto suas mãos me sacudiam para frente e para trás.

“Você sabe o que isso significa, certo?” ele falou, e eu assenti.

Eu sei.



“Você vai fazer com que o garoto venha amanhã também.” Ele falou. “Então tudo poderá acontecer. Amanhã pela manhã nós vamos fazer as malas, passar o dia juntos, e então vou pegar a Annabel e vir para pegar você. Deixando um presente para o garoto.”

Ele estava falando sério, realmente estava falando sério. Eu acho. “O que vamos levar conosco?”

Ele olhou para mim, e então um lento sorriso se espalhou no rosto dele. Suas gengivas vermelhas como carne.

“Tudo.” Ele falou, e seguiu para o quarto dele, voltando com uma página dobrada.

Olhei para o recorte de jornal em minha mão, uma minúscula menina com um alo de cabelos sorria sem dentes. Vanessa Judith, o bebê milagre, nascido seis meses atrás filha de Helen e Glenn. Uma filha havia se ido á muito tempo atrás, e agora havia outra. Todos os dias penso no que perdi, Helen falava. E a cada dia estou feliz por Deus decidir me dar uma segunda chance.

Não podemos voltar atrás, não podemos esquecer, Glenn falava. Mas podemos viver cada dia por vez. Em memória aquilo que perdemos, e em honra aquilo que temos.

“Isso não é lindo?” Ray falou, enquanto eu olhava para o bebê, tão pequeno, tão novinho.

“Hey.” Ele falou, agarrando o meu queixo, forçando meus olhos a encontrarem os dele. “Estrague isso e vamos dirigir até a Rua Daisy Lane 623 e queimaremos tudo. A garotinha que está te substituindo. Mamãe. Papai. Tudo acabado.”

Ele segurou minha mandíbula entre as mãos. “Mamãe, e papai, eu vou escutar eles gritando e você vai também. Então vou deixar você lá, rolar vocês nas cinzas e colocar fósforos nas suas mãos, e quando a policia aparecer eles vão saber que você é má e que fugiu e voltou para puni-los por ter te esquecido. Afinal você mandou todas aquelas cartas violentas para casa. Eles irão entregá-las para a policia e você nunca mais vai voltar.”

Cartas? Eu nunca... Ray sorriu para mim. O Deus monstro rei do meu mundo.

Quando eu não falei nada, ele beijou minha testa. “Seja boazinha hoje. Seja muito, muito boa.”

Ele estava assoviando quando saiu para o trabalho.

Eu olhei para a foto do bebê por um longo, longo tempo, e a coloquei de volta no quarto do Ray, com o rosto virado para a cômoda, ao lado da escova de cabelos dele e da foto da mãe. O cabelo dela era escuro também.



34

ERA UMA VEZ, UMA menininha. Agora havia uma nova menininha.

Sempre há uma nova.



35

MANHÃ, MINHA MANHÃ. FIQUEI DEITADA no sofá e assisti televisão. Depois de um tempo levantei peguei do lixo o pedaço de papel que eu trouxe para o Ray, e virei seu lado limpo para cima. Encontrei uma caneta na cozinha, próximo de onde ele mantém a lista de compras com as mesmas coisas anotadas todas as semanas, e me sentei á mesa.

Querida Vanessa Judith

Você parece bonita no jornal, nova e não quebrada. Seja melhor do que eu fui, do que sou.

Eu não escrevi as cartas que foram enviadas. Eu nunca escrevi carta alguma além desta. Nunca ouça ninguém que perguntar se você quer saber onde estou.

Eu parei e coloquei o papel em meu bolso. Era uma carta estúpida e eu não conseguia encontrar as palavras para falar o que queria, falar que eu me sentia feliz por ela estar aqui e a salvo, que sinto raiva por ela ser tão bonita e nova e sem manchas como eu, e de qualquer maneira bebês não podem ler. Estúpida.

No parque amassei o papel dentro da mão o apertando com força e o jogando na lata de lixo.

“Você esteve aqui ontem não é?” alguém perguntou não o Jake, não um garoto, mas uma mulher e me virei para ver uma policial com aparência cansada olhando para minha mão ainda fechada como punhos, vermelha por ter esmagado o papel como se quisesse forçar as palavras para fora e as deixar flutuando no ar.

Ray não gosta de policiais. Uma vez um veio até a porta para perguntar se ele havia visto um cara que roubou dois carros, e então perguntou para mim se eu estava doente por que ele disse que eu estava pálida, o Ray falou que eu estava com gripe e o policial deixou um cartão, ele disse que ligaria se soubesse de alguma coisa e ele sentou observando a porta por duas horas depois que o policial saiu, com uma faca na mão e minha garganta sob ela. Esperando.

Eu também não gosto de policiais.

“Pensei que você fosse um sem teto ontem.” A policial falou. “As roupas e tudo mais. Mas o que eu sei sobre as roupas que os jovens usam hoje em dia? Aonde você vai à escola?” ela olhou para mim. “O que aconteceu com a sua garganta?”

Há minha frente um garotinho chutou a perna de outro.

“Briga.” Eu falei. “Meu irmão.”

“Ele faz muito isso?”

Eu balancei minha cabeça que não. Ela ainda estava olhando para mim.

“Você está com fome?”



Balancei minha cabeça que não novamente, mas ela pegou uma barra de chocolate, e eu já estava estendendo a mão para pegá-la, mesmo enquanto ela falava. “Eu comprei isso mais cedo, mas derreteu um pouco e eu odeio chocolate derretido... oh você está com fome.”

Eu não olhei para ela enquanto engolia, quebrando a barra em pedaços com meus dentes, mastigando o mais rápido que podia.

“Quando foi a ultima vez que você comeu?” ela perguntou.

“Almoço.” Era verdade eu realmente havia comido meu iogurte durante os primeiros cinco minutos da novela, Storm estava esperando para saber se seu bebê estava bem, ou iria nascer com uma rara doença que somente o medico que ela amava podia curar. Então eu tive que correr para pegar o ônibus, com o coração pulando em meu peito.

“Meu nome é Barbara.” A policial falou, estendendo uma mão que acho esperei tempo demais para apertá-la. Sua pele era quente.

“Você tem mãos frias.” Ela falou, e pegou algo em seu bolso. Um cartão, que ela entregou para mim.

SAFE HARBOR, ele dizia.

“É um lugar especial.” Ela falou. “Para adolescentes que não... que talvez precisem de um lugar seguro.”

Não existem lugares seguros, mas eu assenti e agradeci como o Ray fez quando pegou o cartão do policial e o coloquei em meu bolso como se fosse guardá-lo.

“Eu tenho que ir agora.” Barbara falou, e tocou meu braço. Tentei não me encolher, ninguém mais além do Ray, e a depiladora que arranca pedaços de minha pele e via minhas pernas abertas como dinheiro me toca, e eu não gosto disso, eu não gosto de mãos me tocando. Eu já tenho as mãos do Ray e elas são tão pesadas que eu as sinto o tempo inteiro.

Barbara assentiu como se eu tivesse lhe contado um segredo e saiu. Esperei até que ela estivesse além das arvores, perto dos balanços onde eu deveria estar, então me virei e parti.

No ônibus tentei imaginar uma maneira de contar para o Ray o que havia acontecido. Como poderia contar aquilo sem que ele pensasse que eu havia tirado Annabel dele, e então pensei sobre o que ele havia falado pela manhã e tomei uma decisão.

Não havia nenhuma maneira de eu falar a palavra ‘policial’ sem deixá-lo zangado. Retirei o cartão do meu bolso e o rasguei em pequenos pedaços que caíram na bolsa de uma velha senhora sentada ao meu lado, ela agarrava sua sacola de compras como se eu fosse roubar suas laranjas e uvas.

Eu queria, mas não iria roubar.

Quando cheguei em casa Ray estava lá, sentado no sofá, esperando e logo que o vi abri minha boca e falei. “Ela está doente, então não poderemos pegá-la amanhã, mas logo.”

“Doente?”

Eu havia mentido para o Ray. Eu nunca menti para o Ray, não desde o posto de combustível e o que aconteceu depois, e sei que ele saberia que eu estava mentindo, mas tudo o que ele fez foi bufar e falar, “O garoto falou por que ela está doente?”



Balancei minha cabeça.

“Estúpida.” Ray falou e eu comecei a afundar até o chão, pronta para ficar de quatro e implorar fazer qualquer coisa, mas então ele falou. “Annabel irá nos agradecer por tirá-la de pessoas que não cuidam bem dela, não é?” seus olhos estavam brilhando quando ele se levantou. Ele estava pensando nela enquanto eu estava fora, e sussurrou o que ele faria com ela, e o que eu o ajudaria a fazer enquanto eu ficava deitada em silêncio embaixo dele.

Dentro do meu peito ferido meu coração batia uma canção feliz, notas pequenas, mas que ainda estavam lá por que eu não havia contado ao Ray a verdade e ele acreditou em mim.

Fiz seu jantar, o milho grudou na batata e tive que me desculpar por isso, durante um longo tempo. Minha mandíbula estava cansada depois disso, e dolorida por ser forçada a ficar tanto tempo aberta, e minha cabeça doía onde ele havia me segurado, ele se virou para mim quando as luzes estavam apagadas e estávamos deitados na cama rosa, mas eu escutava a pequena canção do meu coração e pensava.



ESSA É A CANÇÃO:

Eu menti para o Ray e ele não descobriu.

Eu menti para o Ray e ele não descobriu.

Eu menti para o Ray e ele não descobriu.

Ray não sabe de tudo.



MANHÃ NOVAMENTE, SEMPRE MANHÃ novamente, sempre outro dia, e eu na verdade comi o café da manhã com o almoço, dois iogurtes, eu estou perdida em um sonho.

Eu não sabia que ainda podia fazer isso, eu pensei que minha cabeça somente formava imagens de coisas que haviam ficado borradas nas bordas; aquelas primeiras semanas com o Ray, ou distantes lampejos daquela garota de contos de fadas com sua vida feliz, tola, e estúpida.

Mas eu estava sonhando, e eu até mesmo tinha um plano. Eu sei pelos talk shows e pelas novelas, (minha escola) que os planos precisam ser simples. Não posso depender de um momento para tudo, não posso esperar que o Ray não esteja pensando nas coisas que posso fazer, e planejando o futuro ele mesmo.

Eu vou pegar a Annabel para ele. Irei ao parque conversar com o Jake, e o Ray vai pegá-la. Ele vai mostrar o que ela deve fazer, e o que acontece se você não o escuta, ou não se comporta.

Então, quando ele estiver pronto para partir, vou embora. Farei mais do que somente conversar com o Jake. Vou fazer qualquer coisa que ele queira e então abrir a porta, pegar um pedaço da calçada quebrada em minha mão, e bater em sua cabeça até ele apagar. Vou deitá-lo na calçada dormindo.

Vou pegar seu carro. Eu nunca dirigi antes, mas vi o Ray fazer isso, e vi as pessoas na TV também. Eu vou pegar as chaves. O carro vai ter combustível, e Jake dinheiro – ele deve ter dinheiro ou um cartão de créditos, todas na televisão têm – e vou fugir. Deixando Jake no chão esperando para ser encontrado, aposto que o Ray vai encontrá-lo primeiro.

Mas eu já terei fugido.

Eu terei fugido e o Ray vai ter que decidir. A nova Annabel tão macia e jovem, com um corpo que não precisa ser mantido com tanta dificuldade, ou eu.

A pequena menininha, com tanto a aprender, ou eu?

Ele vai escolher ela, melhor e mais nova, e eu vou dirigir. Eu me lembro da Rua Daisy Lane 623, localizada em Harbor View. Quatro horas daqui, Ray sempre fala nela, e eu posso fazer isso. Ir até lá.

Vou até lá avisar que eles precisam partir. Que eles não estão seguros. Vou vê-los... Irei vê-los. Vou me certificar de que estão bem e que irão partir, e eles vão querer...

Eles não irão querer que eu vá com eles. Não posso nem mesmo criar uma imagem desfocada disso em minha mente, não posso vê-los me abraçando quando estou coberta com o Ray, tão cheia dele que estou vazia. Mas vão embora e eu vou...

Eu não sei. Esconder-me definitivamente. Queimar a casa depois que eles partirem e esperar pela polícia.



Sim. Ray não vai ir atrás de mim se a policia estiver comigo. Se eu estiver com eles, ele não poderá me pegar. Eu estarei na cadeia. Vou ficar lá até ficar velha, vinte e cinco, trinta, comer tudo o que puder e torcer para ganhar corpo, ficar com grandes seios, quadril e barriga como a mãe dele.

Então, se ele vier atrás de mim não vai mais me querer. Estarei segura.

Normalmente sou somente uma casca, sobrevivendo a cada dia, mas agora eu... Eu sentia. Sentia-me esperta. Sentia-me... Bem. A sensação é estranha, pequenas punhaladas de algo que se parece com dor, mas não é. É como... Como quando o Ray está cansado do trabalho e cai no sono no sofá e posso ficar sozinha por uma noite toda.

Nessas noites, minhas pernas, peito, pés, coxas e tudo ao redor, sob e entre elas é só meu, aquelas noites quase brilhavam. Fico tonta com o pensamento de minha pele ser minha e não dele, e meu corpo, minha casca vazia ser direcionada por minhas mãos. Para sempre minha.

Meu corpo se recompondo e me levando embora.

Não me importo com a Storm, mesmo sabendo que hoje é quando ela descobre se o doutor que ela destruiu pode salvar a vida do bebê dela. Ray falou que eu deveria ir ao parque e conversar com o Jake, perguntar sobre a Annabel, pegar imagens para descrever sua pele corada, suas pequenas e cansadas pernas e braços enquanto ela está na cama, garotinhas precisam de carinho.

“Certifique-se de descobrir quando ela vai estar de volta.” Ele falou. “Tenha certeza.”

Eu assenti, já sabendo qual seria a resposta, ela vai estar lá amanhã, oh sim, ela vai estar, e vou chegar ao parque mais cedo antes das crianças chegarem. Sol em meu rosto e vou mexer meus dedos nos sapatos ansiosamente.

Sim, eu me preocupo sobre o que vou falar com o Jake, hoje terei que usar palavras, tem que ser assim, o Ray vai estar observando, mas palavras são apenas letras, certo? A.L.I.C.E. As coloque juntas, as separe e faça novas. Eu posso fazer isso, tenho que fazer.

Posso fazer isso para que minhas pernas, braços, barriga, costas, peito, cotovelos e joelhos sejam só meus.

Lucy, agora Annabel, vai chegar com sua pequena mochila vermelha. Ela via jogá-la no chão, mas vai parar quando me ver.

Olhando para ela. Menininha. Ray vai querer ela, e eu estarei sozinha, minha pele minha novamente. O pensamento passava por mim vezes sem fim, alegria.

“Você está chorando.” Ela falou. Não era uma pergunta, e não me surpreendi por que e toquei meu rosto. Estava molhada, a pele da minha bochecha repuxando enquanto secava. Como se você quebrar se eu abrisse minha boca.

“Você não chora?” eu perguntei para ela, e minha pele permaneceu no lugar. Se ela não chorasse, Ray iria pegá-la e nunca olhar para trás, esquecendo tudo sobre mim. Eu não chorava também. Não até encontrar ele.

Ela deu de ombros. “Não. Jake fala que só bebês chorão e eu não sou um bebê, mesmo que ele diga que ainda sou.”



“Bebês são pequenos.”

Ela olhou para mim como se eu fosse estúpida. “Certo. E eu não sou. Posso tocar o céu quando estou no balanço. Posso ir até o alto.”

Eu assenti. Toquei meu rosto, ainda estava molhado, eu estava tão feliz que seria ela, e não eu que eu estava transbordando.

“Você deveria parar de chorar.” Ela falou, seu pequeno rosto se fechando, e então ela bateu no meu joelho. Com suas pequeninas mãos. “Você já não é mais um bebê.”

“Não.” eu falei, mas minha voz parecia a de uma criança, macia e fraca. Ray havia me ensinado apenas uma maneira de falar. “Não sou.”

A observei no balanço, essa garotinha que iria ajudar o Ray, que iria aprender que ela é um bebê indefeso, um que nasceu em um lugar onde não pode crescer, onde ela deve ficar como é agora mesmo que seu corpo tente mudar.

Ray vai machucá-la. Dor e lágrimas acalmados com sorvete e ameaças. Talvez ela tente fugir também, acordar e correr para o mundo, apenas para terminar no acostamento da estrada como eu, o mundo se transformando em um borrão que termina somente quando ela acordar nua, ensangüentada e quebrada. Renascida.

Melhor ela do que eu.

“Olá novamente.” Barbara falou, se inclinando na direção em que eu estava olhando, seguindo meus olhos até a garotinha no balanço, com seus pés apontando para o céu. Aproveite enquanto pode Annabel. “Você a conhece?”

Balancei minha cabeça.

“Eu vi você falando com ela. Ela é boa no balanço não acha? Você vai levá-la para algum lugar depois?”

Balancei minha cabeça, não eu não vou, não realmente. Ray vai. Eu apenas vou ajudar.

“Tem certeza?”

“Para onde eu a levaria?”

Barbara deu de ombros. “Estava apenas perguntando. Você... você esteve chorando, você sabe que algumas vezes as pessoas têm – elas têm pensamentos e elas sabem que eles são errados, então elas se sentem mal e...”

Eu ri por que o Ray faz mais do que pensar. É ação, criação, destruição; um mundo que ele comanda. Esses cinco anos não havia sido preenchido com pensamentos. Eles foram cheios dele fazendo e desfazendo o que queria comigo.

“Você acha que isso é engraçado?” A voz da Barbara ficou dura, na fronteira da raiva como a do Ray quando seus olhos não estão brilhando, mas desapontados. Garotinha cheia de mentiras, como você pode? Depois de tudo o que fiz para você. Eu massageei o hematoma no meu peito, os músculos doloridos se retesaram e gritaram sem emitir som, minha boca se fechou e meu rosto ficou congelado. Sou boa em fazer isso.



Estou acostumada.

“Sinto muito.” Falei, e me encolhi por dentro, ela não é o Ray, mas ela está zangada e se ela ficar mais zangada e me levar embora, ninguém na casa 623 da Daisy Lane vai ficar bem. “Eu não – estou só sentada aqui. Só quero ser deixada em paz.”

“Oh.” Barbara falou, com uma voz diferente agora, mais suave agora e sentou ao meu lado no banco. “Você costumava ser como ela, a garota no balanço? Talvez á muito tempo atrás? E então talvez os teus pais...”

Um gosto amargo surgiu em minha boca, como a pele do Ray, tome isso, Alice, tome isso, abra mais, essa é minha garota – e eu me inclinei para frente olhando para o chão. O passado estava á muito tempo atrás, e aquela garota se foi para sempre.

“Eu nunca fui como ela.”

Barbara cruzou os tornozelos. Seus sapatos eram pretos, e pés pequenos. “Você está com fome?”

Eu sentei por que eu estava, eu sempre estou, e ela falou. “Aqui.” E me entregou um sanduíche. Estava em uma sacola plástica, e era grande, com duas fatias gigantescas de pão, muita carne e não um, mas dois pedaços de queijo. Meu estomago se contraiu tão forte que vi pontos escuros em minha visão, e minha mão estava tremendo quando peguei o sanduíche.

“Você ainda tem o cartão que te dei?” Barbara perguntou enquanto eu comia e assenti, fechando meus olhos, com o sanduíche com queijo salgado, pedaços de presunto e pão macio, tão leve em minha boca. Eu poderia comer isso para sempre, até o mundo acabar e depois disso.

“Você mora aqui perto?”

Eu engoli, lembrando sobre o Ray observando a porta com a faca na minha garganta. Era isso que ele não queria, não quer, e eu poderia contar tudo para ela – eu moro com um homem que diz ser meu pai, mas não é, meu nome é Alice, mas não era á cinco anos atrás, uma vez há muito tempo atrás eu morri e agora estou aqui, você pode me levar para casa na Daisy Lane 623, por favor.

Ray saberia. Eu não iria para casa e ele saberia e Daisy Lane 623 vai desaparecer, a casa toda queimada e todos dentro mortos enquanto a policia investiga para ter certeza se eu era real, e eles nunca o encontrarão, e quando eles me falarem que estou segura – e eu nunca estarei segura – ele vai me encontrar e eu já serei uma mulher então.

E eu sei o que ele faz com elas.

“Eu moro em South Estates.” Falei me referindo á um complexo de apartamentos no final da outra linha de ônibus, um que eu nunca entro. Eu vi anúncios do lugar, prédios de tijolos vermelhos, em fotos nos bancos das paradas de ônibus.

“E você vem aqui para escapar?”

Eu assenti.

“Você vai estar aqui amanhã?”

Eu assenti novamente, Ray vai ficar furioso quando eu contar, e tenho que contar para ele, apertando minha garganta com tanta força que mal posso respirar.



“Bom.” Ela falou. “Então vejo você.”



38

NÃO SEI COMO A ANNABEL CONSEGUE FICAR tanto tempo no balanço. O Ray me levou ao playground perto de Shady Pines logo depois que nos mudamos para cá. Eu esperava que ele fosse como o apartamento, feio e velho, a grama rala e cheia de vidros quebrados.

Mas era lindo. Tudo era novo, brilhante e resistente, reluzindo sob o sol. Uma mulher nos viu, e Ray me mandou ir brincar, eu fiquei olhando para ele, verificando para saber se era um teste, claro por que era isso o que o Ray fazia logo que havíamos nos mudado para cá. Testando-me o tempo todo, me falando que a cidade que havia doado o parque.

“Espero que o parque continue assim por mais de uma semana.” ela falou e Ray riu e eu estremei, o metal era novo demais para mim. As crianças ao redor, ou nos brinquedos não eram como eu. Eu ainda era completamente nova, mas até mesmo naquela época eu entendia que eles não eram como eu. Eles eram um teste, e um que eu tinha que passar. Meu coração ainda não era tão vazio, ele ainda batia com o suave murmurar da esperança.

Mesmo assim eu não me balancei, e o playground foi tomado pelos garotos maiores, uns que sentavam nos balanços para fumar e faziam coisas sob os escorregadores. E quando passávamos de carro por eles o Ray nunca diminuía a velocidade para olhar. E eu estava sempre orgulhosa por não olhar também.

Como se eu quisesse ver. Eu sei que todos são capazes de se derreter por dentro. E os abraços daqueles garotos apenas me lembravam do que estava a minha espera. O que sempre estava a minha espera.

Ray nunca mais procurou por playgrounds depois daquela vez. Ele não precisava deles, ele falou, ele não era como aqueles pervertidos vagando pelos parques, torcendo para poder ver um lampejo da carne infantil, um cotovelo ou um pedaço da perna.

“Doentes.” Ele falou. “Eles só querem olhar. Eles não querem cuidar de alguém. Não são capazes disso. Eles não sabem o que é o verdadeiro amor.” Ele enrugava o rosto e sacudia a cabeça. “Sinto pena deles. E você?”

Sua mão quente na minha, maldita benção. Amor Ray falava. Meu amor especial para minha garota especial.

Com o rosto vermelho, empurrando, olhos fechados, os abrindo rapidamente para olhar para mim. Oh Alice, oh Alice, minha garota.

Olhei para longe da Annabel que balançava seus pés na direção do céu, e observei a grama sob meus pés. Mais uma vez em um talk show um especialista sobre a morte falou que tudo que á sob a terra mantém a grama verde. As coisas mortas sustentam as vivas.

Eu queria me deitar no banco, ou melhor, na grama, descansar contra alguma coisa viva e ver se consigo escutar a morte sob ela. Mas não posso, por que as pessoas iriam olhar e o Ray não gosta que olhem, ele me quer silenciosa, sua garotinha fantasma.



Ao invés disso me inclinei e toquei a grama. Eu não havia sentido a grama á anos. Ray não gosta que eu me suje.

Não senti muita coisa, e fiquei desapontada. Como quando as novelas são tiradas do ar, para que alguém importante usando uma gravata fale sobre coisas que não importam por que nunca vão chegar até mim. Ray me tem bem presa longe do mundo.

“Você perdeu alguma coisa?” Jake falou, se abaixando na minha frente e tocando meus dedos na grama. Eu puxei minha mão, e as limpei no jeans. As mãos dele não eram quentes como as do Ray, mas eram maiores que as minhas. E eu sei o que isso significa.

“Você está... bem.” Jake falou, e eu olhei para mim mesma, em meus jeans pequenos demais e camiseta rosa, e me perguntei como eu estaria parecendo para ele. “Você quer ir até o meu carro?”

Eu parecia o que eu era. Eu vivo para ser o que o Ray quer, o que ele precisa, e você verá isso se prestar atenção. Eles não querem ver o que podem fazer com mãos como às deles.

Levantei e o segui Jake até o carro. Ele me ofereceu algumas pílulas e eu dei de ombros enquanto balançava minha cabeça dizendo que não. “Maldita escola.” Ele falou. “A odeio.”

“A sua irmã detesta a escola?”

“Ela tem seis anos.” Ele falou. “Ela ainda acha que é divertido.” Seu olhar dizia que eu havia falado algo estúpido, algo que todos deveriam saber, e eu olhei para baixo, esperando que ele colocasse as mãos no sinto. Eu deveria pensar no que dizer.

Ele fez isso por mim, limpando sua garganta, batendo os dedos de uma das mãos contra a perna. “Você gosta da escola?”

“É legal.” Eu me lembrava de mesas, de contar segredos e ficar em filas para o almoço. Lembrava de jogar comida fora, por estar satisfeita ou não a querer.

Eu daria tudo para voltar e pegar aquela comida, bater naquela menina estúpida de contos de fadas e jogar o que ela era estúpida demais para querer, pela minha garganta abaixo, comendo e comendo até ficar gorda, carne por toda a parte com camadas para me proteger dos olhos de todos. Dos olhos do Ray.

“Então, uh, você quer...?” ele massageou as pernas, e então tentou pegar minha mão novamente. O deixei dessa vez, ficando parada enquanto ele a esfregava na parte da frente do jeans. Ele parecia tão inexperiente, tão inseguro.

Ele parecia tão jovem, mais jovem do que nunca fui, até mesmo quando nasci nos braços do Ray, e não levou muito tempo para que eu falasse sem palavras, ser fazer alguma coisa que o Ray fosse ver. Apenas minha mão se movendo para frente e para trás, nem mesmo tocando a pele dele. Tão fácil.

Ele tentou me tocar depois, suas mãos em meus seios, boca seguindo contra a minha. Ele não empurrou meus seios para baixo, os achatando, mas os rodeou com as mãos. Eu não me incomodava com isso, mas eu não gostava da boca dele na minha, dele tentando respirar em mim, a superfície lisa de sua língua. Ray beija minha testa, meus joelhos e a parte de dentro das minhas coxas, mas a mãe dele o obrigava a lhe dar um beijo de boa noite todas as noites, e então ele me fala que me protege nunca me beijando.



Afastei-me depois de ter contado até dez duas vezes, e ele falou. “Eu não beijo da maneira certa, não é? Minha última namorada falou que sou uma droga.”

Eu não sabia o que falar sobre isso, com a preocupação nua em sua voz. A fraqueza dele me deixou nervosa.

Fez-me querer feri-lo também.

“É que meu amigo Todd – você provavelmente já o viu, um cara realmente alto com uma namorada incrível, uma com pernas...” ele parou. “De qualquer maneira, ele fez com que ela me conseguisse um encontro com a May, que é um pouco gorda, mas faz isso com qualquer um – bem, nós saímos por um tempo. O Todd falou que tenho que parar de ser como uma garotinha sobre isso, mas, você sabe, não é como –” ele deixou escapar um suspiro. “Não é como se houvesse um manual ou algo assim, não é?”

Ele riu. “Um fodido manual? Entendeu? Merda, esses comprimidos são fortes. Tem certeza que não quer um?”

Balancei minha cabeça, e as palavras saíram. “Tenho melhores.”

“Aposto que sim.” Ele falou. “Você é como... eu não sei. Uma rocha. Você sabe, nada para se ver, mas você a pega há uma coisa nela. Que tipo de comprimidos?”

“Por onde a tua irmã entra no o parque?”

“Lucy?” ele falou. “Eu não sei. Pela entrada atrás da escola, eu acho. Por que você sempre pergunta sobre ela? Eu sou muito chato para falar?” Ray teria falado isso como um sussurro rouco, mais alto que um rosnado, mas Jake soltou um lamento, como o zumbido de uma mosca.

Bzzzz. Bzzzz. Eu escuto as moscas durante os dias de verão. Elas voam ao redor, e quem sabe do que elas vivem – de ar talvez? – e então, quando chega o outono elas se foram. Eu queria ser uma mosca. Vivendo do nada. E ter asas.

“Você gosta de mim, certo?” ele falou. “Eu fiz tudo o que o Todd falou, te ofereci meus melhores comprimidos, conversei com você, tomei banho depois da ginástica.”

Eu não sei o que é normal, mas acho que o Jake não é. Ele estava me observando, com olhos arregalados, distantes, mas presentes ao mesmo tempo. Tão ansioso para que digam que ele é bom, especial, que é...

Ele me lembrava de mim. Garoto morto vivo, todo quebrado por dentro.

“O que aconteceu?” eu falei, e ele piscou lentamente deslizando em seu assento.

“O que você quer dizer?”

“O que aconteceu com você?”

Ele se sentou e passou os dedos pela fivela do cinto. Não havia nenhuma protuberância ali, era um gesto vazio. Uma tentativa.

Logo que nos mudamos para Shady Pines eu costumava me aproximar do Ray durante a noite, achando que se ele pensasse que eu queria suas mãos suadas e a dor, logo tudo terminaria e que ele me largaria mais cedo a cada noite, que talvez ele me desse à graça.



Graça é minha palavra favorita da igreja. Um estado de ser. Uma coisa para a qual você pode rezar. Uma coisa que Deus pode conceder. Que você pode obter. Perfeição está fora do alcance. Mas graça – Grace você pode alcançar.

“Nada.” ele falou. “Bem, meus pais. Eles estão desapontados por eu não conseguir ser mais esperto, ou algo assim, não sou bom com as coisas. Sou como meu pai de verdade, que fugiu.”

“Mas a sua irmã é perfeita?”

“O teu rosto.” ele falou, piscando como se estivesse tentando acordar. “Você – você fica engraçada quando fala sobre ela. Como se quisesse comê-la ou algo assim. Engolir ela todinha.” Ele balançou a cabeça fechando os olhos.

Será que ele iria dormir? Se ele dormir, eu posso – eu posso ir embora?

Esperei por uma respiração, duas, vinte. Então sussurrei o nome dele. “Jake?”

“Quero aproveitar isso.” ele falou, o mau humorado zumbido havia voltado á voz dele. “Sem pensar sobre as coisas. E você... você nem ao menos gosta de mim, não é?”

“Não.” eu falei e observei seus olhos abrir, e sua boca cair em um pequeno O, eu poderia torcer meus dedos nela, bater em seus lábios e apertar a mandíbula. Incliná-lo para trás ou para frente. Ele iria me deixar fazer isso, eu acho.

Ele iria se quebrar.

Inclinei-me, colocando minha boca na dele. Mordi seu lábio, sentindo a carne, macia e tenra presa entre meus dentes. Escutando seu pequeno grito de susto.

O observei limpar a boca quando me afastei, ele não levantou a mão, não falou nada, ficou calado. Ele apenas ficou sentado quieto. Silencioso.

Exatamente como sento com o Ray. Exatamente como sou quando Ray me toca.

“Esteja aqui amanhã.” Falei e sai. Eu nem ao menos parei para olhar para a Annabel antes de ir, apenas caminhei até o ônibus com o gosto de seu lábio quebrado ainda em minha boca.

Agora eu sabia o porquê do Ray não se importar com comida, o porquê dele comer a mesma coisa dia após dia, por que todas as coisas pelas quais o meu estômago se contraía não significam nada para ele. Eu estava completamente preenchida, da cabeça aos pés cheia por ter o Jake sentado lá me observando. Com aqueles olhos drogados e arregalados, e o que havia por trás deles.

Medo.



39

O RAY SOUBE QUANDO CHEGUEI EM CASA. É claro que ele soube, percebi isso pela maneira como ele me observava com um sorriso enquanto eu caminhava na direção dele. “Você conseguiu Alice.” Ele falou “você descobriu quando ela vai voltar e é amanhã”. Não havia duvida na voz dele, fato, Ray era o dono do mundo, ele fazia as coisas que ele queria acontecer, e eu assenti que sim.

Ele falou. “Venha aqui.” Ele falou. “Você é minha linda garotinha. Minha favorita. Minha garota. Minha Alice.”

Ele apertou meu seio esquerdo com força, então agarrou o direito e me virou, seu rosto mudando, seu sorriso se transformando em seu escárnio verdadeiro, somente dentes e gengivas. Prontos para morder.

Ele falou. “Você viu que horas são?” ele falou, “você sabe por quanto tempo estive esperando?”

Olhei para o aparelho da TV a cabo. Ele marcava 5:02 em vermelho, e eu deveria ter chegado em casa antes disso, eu sempre devo estar em casa quando o Ray chegar, devo sempre estar esperando por ele, e ele falou...

“Você acha que pode fazer isso sem mim, você acha que pode ter algum tipo de” – ele parou – e cuspiu em meu rosto – “Diversão? Você acha que um garoto é legal?”

Agora ele estava me sacudindo, minha cabeça e pescoço balançavam para frente e para trás.

Você acha que estava se divertindo?

Não Ray, não eu juro eu apenas...

“Você o que?” Ele olhou meu rosto, seus dedos delineando meus lábios, pressionando com força.

“Ele não vai ser um problema, convenci ele a voltar amanhã, e ele vai voltar e a Annabel estará lá, ele falou que vai, ela vai estar lá esperando, e ela é tão bonita, você vai gostar dela Ray você vai amá-la, e eu vou segurar ela, segurar as mãos dela enquanto você mostra como ela deve se comportar.”

“E isso é tudo?” seus dedos se entrelaçaram em meus cabelos, os arrancando, e me empurrando para o chão.

“É só isso, ele não é nada e você sabe disso. Eu sei que você sabe.”

Seus dentes raspavam no meu pescoço. E ele sussurrou. “Eu sei. eu sei de tudo.”

Agora tudo era familiar. Ele falou. “Você precisa de mim. Você me ama. Diga. Diga.”



Falar isso, eu já havia falado isso, e iria falar novamente. Eu falei até que minha voz se acabou. Palavras são apenas letras, A-L-I-C-E, e eu sei quais ele quer escutar.

Ray me sentou no colo dele e me deu goles de água depois disso, biscoitos e um minúsculo pedaço de queijo, um jantar especial, o queijo veio da comida dele, um sanduíche que ele trouxe, um rolo largo com carne escorrendo pelas laterais.

É meu, ele falou, mas vou dividir com você. Ele começou a beijar minha pele sensível e eu olhei para o teto, para que minha pele não tentasse fugir dele.

Ele falou. “Beijar para melhorar, você sabe? Faz você se sentir melhor. Você está melhor?”

Eu assenti. Encarando o teto e pensando que logo Annabel vai estar aqui. Logo, eu não estarei sozinha.



40

HÁ MUITO TEMPO ATRÁS HAVIA UMA garotinha. Ela tomava banhos demorados todas às noites, nadando na água que caia sobre ela e lavava os cabelos até rangerem quando ela passava as mãos por ele, seus pais perguntavam por que ela precisava ser tão limpa?

Era como se ela de alguma maneira soubesse. Como se aquela água fosse uma graça e logo ela não seria capaz de encontrá-la. Logo nada a faria ser melhor do que ela era.

Nada a faria completa.



41

RAY ESTAVA PRONTO PELA MANHÃ. ELE me acordou cedo, antes mesmo do sol nascer, e me pegou pela mão – circulou meu pulso, seus dedos facilmente davam a volta em meus ossos – e me levou para o chuveiro.

“Hoje é o dia.” ele falou. “Quero que você fique especial para nossa garotinha.”

Ele não queria que eu depilasse os pelos das pernas e sob os braços, a outra Alice tentou fazer alguma coisa, eu acho. Ray falou uma vez sobre água vermelha e os pulsos feridos da Alice enquanto dormia, a raiva o acordou e o mandou esmagadoramente contra mim.

Algumas vezes penso que se eu pudesse conhecer a outra Alice, eu seguraria a cabeça dela sob a água eu mesma.

Ele me entregou um creme para usar e eu encarei o rotulo brilhante enquanto eu me esfregava com ele; um perfume estranho e forte de flores e algo que fazia a parte de dentro do meu nariz arder. Ele teria me depilado com cera pelo corpo todo, mas custava muito, e Ray acreditava em economia. E ainda mais que minhas pernas e braços, mesmo que macios nunca se comparariam com a maciez da pele entre minhas pernas, então o que haveria lá para ele saborear?

Ele não gostava de me ver com o creme, não gostava do cheiro ou lembrar que minha camisola rosa que costumava arrastar no chão deixando uma trilha atrás de mim. Agora chegava quase em meus joelhos, e as rendas que ficavam ao redor do colar agora estavam desgastadas, esfregadas pelas máquinas de lavar e as mãos do Ray sobre elas. A tirando de mim.

Ele empacotava enquanto eu esperava por mais pedaços de mim cair, e quando terminei lavei o cheiro e peguei o xampu depois que ele bateu na porta e falou. “E lave o cabelo também!”

Quando terminei, ele verificou meu cabelo para se certificar que estava limpo o suficiente, e me fez sentar e pentear enquanto ele se barbeava. Ele falava sobre o dinheiro que ele já havia retirado e empacotado, sobre os mapas que ele havia comprado, e os lugares que iríamos. Nevada. New México. Arizona. Algum lugar grande o suficiente para ele conseguir um emprego.

Alguns lugares onde nunca nos notariam, não notariam que éramos novos na cidade, e o quanto estranhos éramos quando caminhávamos pelo local. Ele me falou o que iria fazer com a Annabel e como eu iria segurar as mãos dela, e talvez até mesmo ajudá-lo, ele se virou para segurar minha mão, acariciando meus dedos. Creme de barbear em seu rosto, e um pequeno corte na garganta.

“Você vai cheirar como ela.” Ele falou, seus olhos distantes. “Todos nós vamos.”

Eu puxava o pente pelo meu cabelo. Ray fazia questão que eu usasse condicionador para que ele não enrolasse. Ele falava que não gostava de me causar dor.



A mãe dele cortava os nós do cabelo dele, a tesoura deixando pequenas cicatrizes no escalpo dele. Ele me mostrou as cicatrizes quando chegamos aqui, depois de ter me encontrado caminhando pela estrada em direção da auto estrada, com meu dedo erguido como se estivesse pedindo uma carona.

Dois dias depois de nos mudarmos para Shady Pines, e eu pensei, não posso viver aqui. Não posso.

Ele me levou até a Daisy Lane 623 quando me encontrou, parando a camionete – completamente nova, compre só para você, ele falou, você deveria estar esperando pela surpresa, mas você não esperou, agora entre. Ele dirigiu passando pela casa e me falou o que faria com as pessoas lá dentro.

Então seguimos para casa. Ele saiu na saída 56, lembro do sinal, nada além de árvores, e um posto de combustível fechado, e me tirou da camionete. Levando-me para a mata. Batendo-me nas arvore, insetos batiam no meu rosto, minha boca, minha cabeça bateu no chão repetidas vezes.

Suas mãos no meu cabelo.

A voz dele. Você não vai me deixar. Você não vai me deixar. Você não vai me deixar.
Diga.

Não vou te deixar.

Nunca?

Nunca.

De volta a Shady Pines pensei, eu posso viver aqui. E depois de algum tempo, eu apenas comecei a ver TV. Isso fazia os dias passarem mais rápido.

Era mais fácil.



42

RAY LIGOU PARA O TRABALHO, SINTO MUITO EMERGÊNCIA DE FAMÍLIA, um irmão doente na Pensilvânia, não em Filadélfia, mas mais para oeste perto de Pittsburgh. Ele praticou antes de ligar, me fazendo escutar.

“Eu sôo convincente?”

Eu assenti. Ele ligou e então, quando ele estava pronto, me mostrou as novas roupas da Annabel novamente, umas que havíamos comprado em uma loja de coisas usadas á duas cidades de distancia. (presentes de aniversario para minha prima, eu deveria falar se alguém perguntasse. Mas ninguém perguntou. O homem á nossa frente comprou seis sutiãs desbotados e uma velha televisão revestida de madeira, com grandes botões com números desbotados pelas pessoas apertaram ao mudar de canal.)

Nós compramos roupas velhas, jeans com pequenos remates rosa nos bolsos, elástico na cintura e um formato quadrado. Nada parecido com os jeans que eu vinha comprando com o Ray ultimamente, do tipo que se curva na cintura, e aperta no quadril, nada mais de seção de meninas para mim, os vendedores falam. “Oh eles crescem tão rápido agora não é?” e a boca do Ray se remexia, então ele me comprava uma calça para garotos. Semicerrando os olhos quando chegamos em casa e eu prendia minha respiração e os colocava.

Sorrindo quando eles deslizaram pelo meu quadril. Ainda em roupas de crianças, garotinha brincando de ser um menino.

Venha até aqui e me deixe ver. Deixe-me ver minha pequena Alice.

Ray também ficava um pouco maluco com blusas, pequenas blusas coladas no corpo e camisetas, blusas com rendas e botões brancos brilhosos como perolas. Saias também, uma com pequenos botões, e babado para ele tirar.

As novas roupas de baixo foram compradas no mercado onde compramos o papel higiênico e o produto que uso para limpar o chão, toda branca, sem rendas ou babados, menores que as minhas. Menores que as minhas e o Ray notou, então nada de jantar para mim naquela noite.

Tênis com laços rosa, compramos esses também. Ray tinha certeza de que sabia o tamanho dela.

“Sou bom adivinhando.” Ele falou. “Sou bom em saber o que vai ficar bom. E quem vai ser.” Ele sorriu para uma garotinha, com cabelos vermelhos e sardas, que olhava para as sandálias perto de nós.

A garota sorriu de volta. Ray passou a olhar os sapatos com ela, oh eu tenho uma menininha da sua idade, não ela não está aqui, está em casa doente, levante sua perna para que eu possa ver o sapato, sim acho que gosto desses. Eu gosto. Vamos Alice.

Parando a caminho de casa, em um canteiro de obras abandonado de um prédio de escritórios. Tão ansioso que acabou em segundos.



“Gostaria que todas as garotinhas fossem como ela.” Ray falou. “Que ficassem como são para sempre. Nunca crescendo para aquilo que elas se tornam.”

Apontando para uma mulher que lutava para segurar duas garotinhas na parada de ônibus, com um rosto irritado e aparência exausta, ela rapidamente deu dois tapas da parte de trás da cabeça das meninas.

“Quem poderia ferir uma criança desse jeito?” ele falou. “Alguém deveria denunciá-la. Espero que alguém o faça. Crianças devem ser amadas. Elas são o amor.”



43

DEPOIS DA FLORESTA, DEPOIS QUE TENTEI pegar carona de volta para Daisy Lane 623, Ray me levou até a camionete. “Está vendo isso?” ele falou, e separou os cabelos com os dedos, me mostrando longas linhas prateadas em seu escalpo. “Minha mãe fez isso. Cortou-me quando meu cabelo ficou sujo, me cortou tentando retirar os nós. Se eu tivesse feito um trabalho melhor, ela não teria que fazer isso.”

Ele levantou minha mão mole como papel e coberta de sujeira até a cabeça dele. “Eu não quero ser como ela.” Ele falou. “Não vou ser como ela. Mas terei que punir alguém se você não for boazinha. E você quer ser boazinha não é?”

Oh sim, eu falei, sim serei boa, por favor, apenas vamos para casa, não me leve para lá novamente, quero ir para casa com você agora.

Ele sorriu. O sorriso do Ray era grande e ensolarado, feliz.

Mas putrefato e morto por baixo.

Quando eu sorrio, penso que parece com o dele.



44

ENQUANTO EU ASSISTIA OS TALK shows matinais, Ray estava mapeando estradas, os mapas estavam espalhados por toda a mesa da cozinha, e percebi que nunca mais iria ver esse apartamento. Adeus refrigerador barulhento.

Não havia mais nada que valesse a pena pensar, e voltei a assistir as pessoas gritarem umas com as outras. Hoje homens que não sabiam que estavam saindo com homens que fingiam ser mulher, estavam gritando que haviam sido enganados, eles não são desse tipo – daquele jeito, continue dizendo, não sou desse jeito.

Pergunto-me como será a TV no deserto, se os canais serão nos mesmos lugares, ou se eu teria que aprender tudo novamente.

Annabel vai chorar muito. Ela vai dizer que é a Lucy. Ela vai querer sair. Vai falar sobre os pais. Sobre o irmão.

Talvez eu conte para ela que o conheci. Que ele odiava ter que buscá-la. Que ele costumava me deixar fazer uma coisa nele, que o Ray vai ensiná-la a fazer. Que todos vão pensar que ele é o culpado por ela ter desaparecido.

Vou obrigá-la a me levar água. Vou comer a comida dela. Ajudar para que ela continue pequena por mais tempo que eu fiquei. Levá-la para a piscina e deixá-la nadar.

Se ela afundar, para tentar se sepultar na água, será que vou deixar ela fazer isso?

Não. Vou arrastá-la para fora. Fazer com que respire. Levá-la de volta para o Ray. E então, em uma noite enquanto ele estiver com ela, vou fugir. Vou fugir e vou...

Eu esqueci. Esqueci meu plano. Um estranho som saiu de minha boca, enferrujado e afiado como uma faca. Ray olhou para cima, seus olhos semicerrados, e apontei para a TV.

“Você não deveria assistir esse lixo.” Ele falou. “Não é engraçado, ver a dor de outras pessoas.”

Eu assenti. Sim Ray. Sim.

Eu ri? Era isso que aquele som era?

Eu me sentia tão leve por dentro. Como se pudesse flutuar para longe.

Eu esqueci meu plano, mas eu tinha um plano. Eu iria deixar o Jack para assumir o problema, e Ray teria Annabel e a Daisy Lane 623 vai...

Irei encontrá-la. Vou comprar um mapa se for preciso. Gasolina, um mapa e um pacote com três bolinhos com um recheio que vaza pelas bordas.

Ray tocou meu rosto. “Estou indo para o parque.” Ele falou. “Vejo você logo.”



Eu assenti, e ele apertou minha mandíbula.

Sim, eu falei. Sim. Vejo você logo.

Ele passou um polegar sobre meu pescoço, fazendo pressão, mas então beijou minha testa e saiu. Indo esperar por Annabel. Esperar que ela chegasse ao parque, e para seus braços ansiosos.

Sozinha, eu levantei e a sala girou loucamente. Vi meu iogurte do café da manhã ainda sobre a mesa. Na noite passada ele também estava lá. Havia uma nota, escrita com a letra lenta e longa de Ray, dizia que ele estava orgulhoso de mim. Dizia que eu estava bonita. Próximo a isso havia o valor exato para a passagem do ônibus.

Não havia nada na geladeira. Estava vazia, limpa, e eu pensei sobre o minúsculo pedaço de queijo, meu jantar especial, e o quão longe eu teria que ir hoje. Era tudo o que eu tinha que fazer.

Eu tinha que comer.

Desci até a lavanderia, as paredes se fechavam para dentro e para fora, para dentro e para fora, e seguia pelas pilhas sobre as máquinas sujas. Eu encontrei fósforos, uma moeda, e papéis. Encostei minha cabeça contra a secadora. Sentindo o quente ka-thunk, ka-thunk, contra minha cabeça.

A outra pilha de roupas pertencia a um homem velho que morava sob as escadas, em frente à lavanderia. Ele só comia sopa e falava sem parar para o Ray sobre o quanto ele era pobre, e o Ray sempre ficava de mau humor depois de encontrar com ele.

Suas roupas cheiravam como homem velho que não tomava banho, como às vezes Ray cheirava pela manhã, e meu estômago se revirou um pouco, enquanto as paredes se fechavam e voltavam para o lugar novamente.

Havia uma nota de cinquenta dólares no bolso da calça do velho. Enrolado nela estava uma lista de compras. Vários tipos de sopas e papel higiênico.

Segurei o dinheiro em minha mão. Caminhei para cima, e sai.

Caminhei até o outro lado da rua para o restaurante fast-food de onde algumas vezes o Ray leva hambúrgueres e batatas fritas para casa, e ele os comia enquanto conta como foi seu dia, ou depois que digo o quanto senti falta dele. (Me mostre ele sempre diz. É melhor me mostrar. Meus joelhos estão sempre machucados.)

Pedi um número dois, com dois hambúrgueres com queijo e alface e o molho secreto. A embalagem das fritas era maior que minhas mãos, e o copo do meu refrigerante era alto e gelado.

Comi lentamente, por que eu sei que tenho que fazer isso no início. Mas não por muito tempo, não leva muito, não como naqueles filmes que às vezes assisto quando as novelas não estão boas, aqueles em que as mulheres se cortam ou não comem e eventualmente aprendem a ser forte, mas o primeiro passo é tão difícil, suas peles a deixam doentes, e uma refeição normal a fazem vomitar.

Eu sou tão vazia que não há nada dentro de mim para sair. Eu comi lentamente metade do hambúrguer, carne, queijo e pão explodindo na minha língua cada vez mais rápido.



Eu queria mais comida, mas poderia esperar. Ray não iria encontrar o dinheiro. Ray não iria me encontrar. Ele terá Annabel e eu vou para a Rua Daisy Lane 623 fazer com que vão embora, falar que sinto muito, mas que não estão seguros, eu tentei, realmente tentei, mas não quero fazer mais isso, não quero ser a Alice, não quero mais ser a garota morta viva.

Vou comer no carro em meu caminho para lá; comprar coisas que vejo as pessoas comendo quando Ray e eu paramos no posto de gasolina á caminho de casa vindo do mercado todos os sábados. Cachorro quente, bolos recheados, e pequenas pizzas em caixas de papelão. Batatas fritas cheias de molho amarelo de queijo.

Eu sonhei com os olhos abertos, por todo o caminho até o parque.

Annabel havia não estava quando cheguei lá, e nos balanços onde ela deveria estar sentada estava o Ray.

E ele estava conversando com a Barbara.



45

EU QUERIA CORRER E CORRER, MAS NÃO PODIA. Tentei mas não funcionou, nunca funciona, todos os dias sou um ferimento aberto, um grito ambulante e isso não importa.

Ninguém me vê.

Eu queria correr, mas sabia que não havia nenhum lugar para se ir.



46

BARBARA ME VIU E ACENOU. DIZENDO PARA me aproximar. Eu fui, meus pés se movendo, sempre se movendo na direção onde o Ray está. Ele estava observando, sorrindo calmamente e eu sei que devo ser cuidadosa. Devo fazer o que ele quer.

A faca estava na minha garganta enquanto esperávamos no dia em que o policial apareceu. Eu não quero, eu não quero, eu não quero, ele sussurrava. Mas ninguém mais pode ter você. Não quero você quebrada.

“Ola.” Barbara falou. “Como você está hoje?”

Dei de ombros, como uma criança mal humorada, como devo fazer quando as pessoas me fazem perguntas que o Ray não quer que eu responda.

“Bom.” Ela falou. “Isso é bom. Mais algum problema com o seu irmão?”

Dei de ombros novamente. Não olhe para o Ray. Não olhe para saber se ele está furioso. Ele vai ficar se você olhar. Meu plano, o carro, a fuga, e a comida, ainda estavam pulsando ao redor da minha cabeça. Será que ele vai perceber? Será que ele percebeu?

“Você parece um pouco mais... saudável hoje.” Barbara falou, e olhou para o Ray. “Essa é a garota que eu estava falando.”

“Oh.” Ray falou. “Eu espero que você tenha ficado com o cartão que ela te deu. Espero que você saiba que há lugares – pessoas – que vão tomar conta de você.”

“Eu o perdi.” Falei, ainda sem olhar para ele, mas ele estava bravo, ele estava furioso, eu podia escutar na maneira adocicada da voz dele, e Barbara falou. “Eu tenho outro.” E o entregou para mim.

“Bem Ray vou aceitar aquela caminhada até meu carro agora.” Ela falou. “Posso fazer o trabalho burocrático, e colocar tudo em dia. Adoro os passeios da escola que duram todo o dia, com certeza.”

“O parque é adorável desse jeito.” Ray falou. “Muito calmo.” E caminhou próximo a mim com Barbara ao lado.

Eu menti e ele sabia, ela não estivera doente, ele vai perceber que garotas doentes não saem para passeios com a escola, ela deveria estar aqui, mas não está. E ele vai saber, ele vai descobrir o dinheiro, e Daisy Lane está á quatro horas daqui, e ele tem uma faca e vai usá-la e tudo será minha culpa.

Virei-me seguindo cegamente para a parada de ônibus. Por que eu tinha que pará-lo e falar que sinto muito, dizer que serei a melhor garota do mundo, e que farei mais do que somente segurar a Annabel, vou mostrar o que ela deve fazer, ensinar tudo enquanto você olha, todas as coisas que você gosta. Tudo o que você quiser.



Uma mão segurou meu braço, ele havia voltado para mim, ele não ligava quem estava vendo, o parque estava tão calmo que ele me levaria para a camionete, dirigir de volta para o lugar que um dia uma garotinha morou e eu não poderia impedi-lo. Nunca poderei impedi-lo. Virei-me e falei. “Por favor, não. Não vá até eles. Apenas fique bravo comigo.”

“O que?” Jack falou.



47

“NADA.” EU FALEI. “NADA. O QUE você está fazendo aqui?”

“Você falou para eu vir.” Ele falou. Sua voz falhando, em um tom que já conheço. Seus olhos já estavam semicerrados, tontos. Perguntei-me quantas pílulas ele iria precisar para agüentar os meus dias.

“A sua irmã não está aqui.”

“É, ela está em algum museu ou algo assim. Tenho que pegá-la na escola às seis, e ela vai querer vir para cá e como ela sempre consegue o que quer, tenho que fazer.”

“Ela vai estar aqui? Mais tarde?”

“Sim. Por que você se importa? Hei, aquele cara está nos observando? Por que ele está... ele está olhando para você.”

Eu não precisava olhar para saber que era o Ray. E saber o que o Ray estava pensando.

“Vá embora.” Falei para o Jake com minha mente correndo, 1, 2, 3, eu posso consertar isso, tenho que consertar isso. “Mas volte mais tarde. Encontre-me mais tarde.”

“Eu não... por quê?” ele falou. “Hei aquele cara é um tipo de... quero dizer, a maneira com ele olha para você, é como se vocês dois fosse...” a voz dele sumiu, surpresa e choque surgiram em seu rosto e olhos.

“Você é?” ele falou sua voz se elevando nas palavras. Você é?

Oh eu vi seus olhos, eu vi o que ele acha que sabia. Ele vê, mas não entende.

Ele vê: eu sou uma daquelas garotas, saindo com um cara mais velho, procurando por uma figura paterna para amar, para cuidar deles, dar-lhes presentes e deixá-los malucos usando garotos como Jake, mas isso não importa agora; sim, eu falei sim estou com ele, mas tenho que escapar dele, você pode me ajudar apenas estando aqui hoje a noite, apenas esteja aqui...

“Salvar você?” ele falou dando um passo para trás, então outro. “Você... Oh merda. Você está falando sério.”

Traga a sua irmã, eu iria falar. Traga a sua irmã.

Mas é isso que vai me salvar.

Senti Ray me observando. Julgando-me. Alice, Alice, Alice, você mentiu para mim, você não é minha garotinha, você precisa ser punida, por que você me obriga a fazer essas coisas? Elas machucam mais a mim do que á você.



“Por favor.” Eu falei para o Jake. “Por favor, esteja aqui, apenas você e a sua irmã, bem aqui, eu vou vir e...”

“E eu vou impedi-lo.” Ele falou, uma estranha e assustadora expressão surgiu no rosto dele. “Você quer que eu pare ele.”

Ele não pode, não existe maneira de Pará-lo. Como ele não consegue ver isso? Mas eu não falei isso, apenas olhei nos olhos dele. Observei os sentimentos cruzando como sombras, pena, entendimento, horror, desejo.

A garota quebrada faria qualquer coisa, e no final, era isso o que ele enxergava. Elas são vazias por dentro, e nada pode preenchê-las.

Mas elas vão deixar você tentar.

“Vou estar aqui.” Ele falou, e sorriu, ficando parado alto e sonhador. “Vou pegar você, e quando ele aparecer e tudo acabar, então vamos ver...” suas palavras desapareceram, eu observei enquanto ele sonhava, como a garotinha que um dia existiu costumava fazer. Grandes sonhos.

Sonhos impossíveis.

Ele não pode parar o Ray. Nada pode. Nada vai pará-lo. Mas o plano iria funcionar agora. O plano ainda iria funcionar.

“Sim.” eu falei, e me forcei a tocar o braço dele, deslizando minha mão através da pele dele, como se ele fosse o Ray, como quando tenho que mostrar para o Ray o quanto o amo, e o quanto estou feliz por ele cuidar de mim. “Sim, você pode consertar tudo. Hoje à noite.”

Achei que ele iria querer ir para casa e sonhar, mas ele não é como a garotinha do conto de fadas, ele sabia o que eu podia fazer, o que eu era, e queria isso, ele queira.

“Você pode... vir até o carro, tudo bem? Hoje à noite, vou te proteger, eu prometo.”

Mentira. Vi em seus olhos de menino que eu não era nada para ele. Talvez para se glorificar, ou talvez fazer com que a irmã não volte a brincar aqui. Olhe para o que quase aconteceu á você. Olhe para as coisas que o mundo pode fazer. Era isso o que ele iria falar para ela.

E no final ele iria me deixar para o Ray, para sua raiva, mas ele não sabia que o Ray sabia sobre ele. Precisava dele.

“Eu vou te proteger.” Ele falou novamente no carro, e o vi imaginando como seria. O que eu fazia com o Ray. O que ele fazia comigo. “Como você acabou saindo com esse cara mais velho, afinal de contas? Você não acha que ama ele, ou alguma merda dessas, não é? Mas talvez você possa me amar. Certo?”

“Sim.” eu falei, tentando não pensar no Ray e no quão furioso ele estava, o quão furioso ele estaria, em como ele estaria esperando e esperando.

“Sim, eu?” ele perguntou, engolindo mais dois comprimidos enquanto ele lutava com as minhas roupas, com as dele e com o preservativo.

“Você.” Eu falei, apenas uma palavra, apenas nada, como aquilo, como ele.



Você Ray. Você Jake. Você, você, você. Alice/Eu sempre vou escolher você.

Alice/Eu sempre vou ser tudo o que você quiser. Era para isso que ela/eu éramos feitas.

Era tudo o que eu sabia fazer.



48

DEIXEI JAKE COM OS OLHOS VIDRADOS, A PARTE ESCURA DE SEUS olhos estava enorme como as flores que crescem ao redor da estrada, pétalas amarelas e pequenas, que pareciam sempre estar morrendo e um grande miolo escuro.

Ray estava esperando na calçada, e foi embora quando segui na direção dele, mas consegui ser minha sombra até a parada de ônibus, uma sombra, grande e sorridente. Ele observou enquanto eu entrava no ônibus.

Esperar para que todos entrassem, esperar para que o outro ônibus chegasse, e para todos que todos que quisessem trocar de ônibus trocassem, lutando com sacolas, corpos, e o troco exato.

Sentei-me atordoada no ônibus, uma parada, duas paradas, três, quatro, as pessoas entravam e saíam. Algumas com sacolas, compras, trabalhos, bolsas gigantescas que guardavam telefones minúsculos. Duas garotas riam com suas bocas cheia de gloss rosa, entraram e sentaram á minha frente.

Ele totalmente gosta de você.

Você acha?

Sim, o que você via fazer?

Não sei? Ligar para ele? Devo ligar para ele?

Sim faça isso agora, oh meu Deus mal posso esperar até semana que vem para pegar meu carro.

Eu queria ter um carro.

Ligue para ele!

Alguém tossiu; a maneira de se dizer cale a boca em um ônibus, e elas suspiraram, virando uma para outra e começaram a sussurrar.

Eu não vi mais a camionete do Ray, mas sabia que ele estava lá. As garotas eram bebês, menininhas, como uma vez uma certa garotinha foi, mas elas eram mais espertas também. O mundo não as devorou, e não o fará. Elas conversaram por todo o caminho até a parada onde desceram.

Ligue para ele. Tudo bem, mas o que eu falo. Apenas ligue para ele. Ninguém tossido poderia impedi-las.

Todos respiraram aliviados quando elas desceram. As observei caminhando para longe, garotas estranhas e bonitas. Não me surpreende Jake me querer. Garotas como aquelas olhariam diretamente através dele.



Chegando em minha parada me levantei e caminhei. Através das janelas, grandes pedaços de plástico, eu não via outra coisa a não ser o Ray, parado esperando por mim.

Esperando.



49

ESSA É A MINHA HISTORIA FAVORITA. EU COSTUMAVA contá-la o tempo todo, sussurrando isso em meu cérebro acima de tudo. Entretanto Ray sempre se intrometia, suas mãos quentes me empurrando, puxando, espichando. Ele nunca escutou minha história, mas ele me ensinou que ela não era verdade. Era apenas fingimento, mas fingir é difícil.

Era mais fácil ligar a televisão e assistir intermináveis histórias. Deixar que ela me mostrasse contos que terminavam com musicas para limpadores de banheiros ou carros. Observar o rosto do Ray até tudo ficar borrado, acima do medo, raiva e ódio, para dentro do nada.

Essa é a história:

Era uma vez, uma garota. Ela morava na Rua Daisy Lane 623. O nome de seus pais era Helen e Glenn, e ela tinha um quarto com paredes azuis. Ela tinha um computador, uma mesa, e esmaltes que podia usar quando ia para a escola.

Ela colocava sombra no banheiro da escola junto com suas amigas. Sombra azul para combinar com os olhos.

Ela tinha quase dez, e pouco antes de seu aniversário ela ficou doente e precisou ficar em casa, perdendo o grande passeio para ver o aquário, mas suas amigas falaram que o passeio foi horrível, e que não havia golfinhos, e os pais falaram que ela nunca teria que ir lá.

Ela teve sua festa de aniversário, e comeu bolo, sorvete, e então...

E então...

E então foi aí que a história acabou. Até mesmo no começo, quando eu tentava fingir, eu não conseguia. Nada esperava por aquela garota depois de ter perdido a viagem. Não consigo ver mais nada além de seu quarto e dos pais, e eles não desapareceram, nunca desapareceram, mas congelaram, nunca se movendo. O que tinha sido tornou-se o que é agora, e uma história só funciona quando você sabe o final.

Quando as pessoas na história não parecem estar fingindo. Quando você consegue pensar sobre aquela garota e como ela um dia foi, e conseguir vê-la.

Quando você ainda não sabe que a história é uma mentira.



50

RAY PEGOU MEU BRAÇO ASSIM QUE SAI DO ônibus, a sua mão circulou a parte de cima dele, e ele sorriu para a outra pessoa que estava saindo do ônibus, uma mulher com aparência de cansada, segurando uma sacola plástica. Com a legenda em verde. Vegetais.

Vegetais sempre tinham as sacolas marcadas em verde. No super mercado eu olhava para todas as comidas, manteiga de amendoim ia bem com geléia, pão fica bom com café, vegetais que ficavam bem com a massa eram vermelhos ou vinham em caixas.

“Vamos levá-la para casa.” Ray falou. “Eu estava preocupado com você, me perguntando onde você estava. Você deveria ter me avisado que ia sair. Aqui, pegue minha mão. Você parece cansada.”

Ninguém estava escutando, o ônibus se foi e o cheiro da química queimada por ele chegou até nós, à mulher agarrou sua sacola e seguiu pela calçada.

Em direção ao apartamento a mão de Ray era uma garra sobre a minha. Quatro pequenos prédios separados, seis unidades em cada. Uma vez passei parte de uma manhã tentando lembrar como era, relembrando da escola e lembrando o quanto eu odiava sentar e fazer os trabalhos, e deveres de casa, aprender, aprender, aprender.

Eu me lembro tão pouco. Completamente despida, respirando para continuar viva. Diga que me ama. Diga quero ficar com você. Diga obrigado por cuidar de mim.

Seja boazinha e todos da Rua Daisy Lane 623 vão estar seguro.

Nós morávamos no complexo dois, virando a direita, descendo pelo estacionamento, tão fundo que juntava água quando chovia, então subindo passando o pátio gramado onde algumas vezes as garotas ficavam conversando com os meninos, Ray olhava para eles pela janela, e balançava a cabeça. “É isso que as mulheres fazem. É como tudo começa.” Ele fala e coça as costas sobre a camiseta como se as cicatrizes ainda queimassem.

Ele falou por todo o caminho até lá, tão preocupado de onde eu estava, tão preocupado sobre o quão cansada eu parecia, e quanto aos teus trabalhos escolares, espero que tenha feito eles, não quero que você se atrase nos estudos, você precisa aprender as coisas.

“Você escutou isso? Você precisa aprender.”

A voz do Ray estava tão firme que minha pele começou a tremer. Ray precisa se esforçar para falar desse jeito, e não DESSE JEITO, por que ele se irrita facilmente, e o mundo não é um bom lugar, e é cheio de coisas e pessoas ruins e isso o incomoda, mas ele sabe se controlar. No trabalho as pessoas o chamam de Ray silencioso, por que ele está sempre calado, e ele acha que isso é melhor do que Gordo J, ou Peperoni D ou Assy o Palhaço, que é como todos no trabalho, menos o Ray fala sobre Harold o chefe. Ray diz que nomes são importantes. Você não os desperdiça.



No apartamento ele me empurrou para longe, como se minha pele o ferisse, e eu girei sobre o carpete, pega antes de cair, por que o pulso dele me atingiu no peito. Sobre o hematoma que ainda não havia curado, exatamente onde o nó que é o meu coração batia.

Engasguei-me com a tão familiar dor. Seja bem vinda, entre. Eu vou ficar bem. O Ray furioso dessa maneira já é familiar. Cai de joelhos e esperei pelas mãos em meu cabelo. Para me puxar para frente ou jogar para trás. Eu vou falar o que você quiser.

Ray não me tocou. Circulando á minha volta, faz uma careta e seguiu até a cozinha.

O que fazer? O que eu devo fazer?

O segui, rastejando, meu peito doía e cada respiração queimava.

Na mesa da cozinha Ray estava abrindo uma caixa, retirando objetos: Facas. Fósforos. Cordas. Um mapa. Um papel com o numero 632 escrito nele, e caixas para todos os aposentos. Etiquetados. Cozinha. Sala de jantar. Sala de estar. Estúdio. Quarto da Helen e Glenn. Quarto do bebê.

No quarto da Alice havia um grande X sobre ele.

“Eu empacotei tudo.” Ray falou. “Nós já deveríamos estar na estrada á uma hora dessas. Seguindo para o deserto. Mas você...” ele balançou a cabeça. “Você. Veja pelo o que você me fez passar.”

Ele nem ao menos olhou para mim. Apenas tocou o papel com o endereço, e os quartos desenhados. Os nomes.

“Sinto muito.” Ele falou para o papel, para eles. “Eu tentei, mas Alice não foi boa o suficiente. Ela vai falar que foi quando vocês a virem, mas vocês vão saber que ela está mentindo.”

Ele pegou a faca e fiquei presa no lugar, observando enquanto ele a gira nas mãos, então esfaqueou o ar com ela.

“Eu pensei sobre isso.” Ele falou. “Pensei muito sobre isso, enquanto eu esperava, mas você somente deixaria a faca suja, e é uma boa faca, e eu quero que ela continue limpa. E você realmente prometeu que seria boa comigo. Por eles. Por todos nós. Não é?”

Eu assenti, por que eu prometi, eu prometi com sangue, lagrimas e palavras, ondulando para cima e para baixo como ele gostava. Eu assenti por que ele tinha o mapa, e ele não poderia usá-lo, ele não pode ir até lá, eles não merecem isso. Não o merecem.

“Mas.” Ele falou, ainda sem olhar para mim, ainda cortando o ar com tanta força que suor começou a aparecer na testa dele, seus olhos ficando como os de Jack, desfocados e distantes. “Eu vou fazer isso de qualquer maneira. É melhor estar preparada.”

Então ele sorriu, olhando para mim, e pensei em como eles haviam encontrado a primeira Alice, morta no rio.

Os pais dela morreram depois do funeral, um assalto que deu errado, nada foi tirado deles, e eles foram esfaqueados repetidas vezes, antes da casa ser queimada. O ladrão fugiu sem nada além do artigo que ele me obriga a ler. Trágico final para uma história triste.

O ladrão nunca foi pego.



Por cinco anos eu tenho sido boa para que eles pudessem viver, por cinco anos eu tenho trabalhado duro para mantê-lo longe da Rua Daisy Lane.

Me leve para casa, por favor, eu pedi uma vez para ele. E ele falou. Você não quer que eu faça isso.

Você nunca vai querer que eu faça isso.



51

“RAY.” EU FALEI. **“RAY.”** E EU FALEI: Ray, por favor, eu juro que achava que ela estaria lá. Eu não menti sobre ela estar lá, Jake falou que ela estaria, e ele apenas esqueceu, eu não mentiria para você, eu não faria isso, eu também estava lá, por que eu iria para lá se fosse uma mentira, eu deveria ter te contado sobre a policial, mas eu não queria que você se preocupasse...

Ele segurou meu cabelo e colocou a faca em minha garganta.

“Você não queria que eu me preocupasse? Você sabe, ela me perguntou se eu conhecia você? Como ela pode ter adivinhando uma coisa desses?”

Todo o meu mundo eram seus olhos brilhantes. A voz dele ficou calma. “Você acha que eu sou estúpido?”

A faca afiada foi pressionada contra a minha garganta.

Não Ray, eu falei, não, por favor, eu nunca falei nada para ela, ela me deu um sanduíche e você sabe como são os policiais fazendo perguntas, e ela achou que eu era uma sem teto, e talvez tenha pensado que eu fugi e que você estava cuidando de mim...

A dor explodiu, vermelha e quente em minha garganta.

Por que você toma conta de mim, Ray, você toma, e ela provavelmente notou que você é cuidadoso e tomaria conta de alguém, e queria que você soubesse que da para ver que ela gostou de você, todos gostam de você, e quando encontrei o Jake me certifiquei que ele...

Ele cravou a faca contra o meu ombro e eu gritei.

Silêncio, e então eu estava balançando, não há palavras para descrever. Eu achava que a garota morta viva não podia sentir dor, eu achava que estava vazia, mas não estou, não estou.

Ray, por favor, Ray eu amo você, ele vai levá-la até o parque hoje à noite, Annabel vai estar aqui á noite (não diga o nome dele, não fale isso, era isso que fazia meu ombro gritar, o sangue batia como um coração, dump-dor-dump-dor) eu fui vê-lo e ele a odeia, e quer que ela vá embora, eu sei que ele vai estar lá, ela vai estar lá e podemos pegá-la...

Uma batida na porta e Ray sibilou. “Cale a boca.”, ele agarrou minha mandíbula e a apertou, todas as palavras que eu iria falar, meu plano, meu plano estúpido esquecido, e então eu lembrei da comida que comi, e o dinheiro que ainda estava no meu bolso, todas as palavras na minha boca se amontoaram.

A sala estava girando, tudo parecia estar distante.

“Sim.” Escutei o Ray falar, e me recostei contra a parede, ficando de lado como uma vassoura. Eu podia ver o cabo da faca. Havia sangue em todo o lugar, em minha camiseta, no



chão. “Sim, aquela era minha filha. Ela estava fazendo uma salada e se cortou, não, eu já chamei uma ambulância, mas você sabe como o tráfego é, então eu vou levá-la. Obrigado.”

DOR.

A faca estava no chão, eu a via, não estava mais em mim, mas os dedos do Ray estavam lá, cavando em mim, me puxando para cima.

“Cale a boca e coloque isso.” Ele falou, me entregando sua velha camisa, uma que ele usava quando concertava a camioneta, que cheirava como ele e o carro, e então com a caixa sob o braço nós descemos as escadas até a camioneta e então em direção da estrada.

A estrada ficava exatamente 2.3 milhas do apartamento. Ray me falou isso quando nos mudamos, e falou para que eu me lembrasse disso. 2.3 milhas era tudo o que ele precisava dirigir para chegar à estrada que levava até a Daisy Lane 623.

“Que hora o garoto vai levar a Annabel?” ele perguntou.

“Quando ela voltar.” Eu gemi, observando enquanto os sinais da rodovia ficavam cada vez mais perto. “Seis. Ele falou às seis.”

Ray virou, e deixamos o sinal da rodovia para trás.



52

ELE AMARROU MEU BRAÇO COM UMA DE suas velhas camisas, a rasgando em tiras. “Você precisa ser forte para fazer algo como isso. Você sabia? Muito forte.”

Eu sei que você é Ray. Você é mais forte do que eu quando eu te segui no estacionamento. E você é mais forte do que eu agora.

“Annabel vai estar segura com você.” Eu falei. “Muito mais do que está agora.”

“Isso dói?” ele falou tocando meu ombro, e quando eu assenti, por que doía e por que eu conhecia suas perguntas, ele suspirou e falou. “Bom. Eu sinto muito, mas você... Você realmente me desapontou Alice. Agora você vai me recompensar hoje à noite, e então vamos direto para o deserto. De acordo?”

Ele estava mentindo. Ray mente para todos – no trabalho, na igreja, quando você olha para ele na rua e vê apenas outro cara qualquer. Mas ele não mentia para mim. Eu podia ver dentro dele, por que eu vinha dele. Ele me criou, e agora ele falava comigo como falava com eles. Com todas as outras pessoas.

“Por favor.” Eu falei, por que eu sabia que ele estava mentindo, na havia nenhum acordo, havia somente o que ele queria, era sempre apenas sobre o que ele queria, sem barganhas, sem perguntas, e ele sorriu para mim, seu sorriso verdadeiro, todo dor, dentes e conhecimento. Nós seguimos para um shopping que havia sido construído, mas acabou morrendo, havia lojas vazias por todos os lados, e somente um triste supermercado no final.

“Começo a me recompensar agora.” Ele falou, e empurrou meu rosto para o colo dele. Cravando seus dedos com força em meu ombro.

Eu o odiava. O pensamento surgiu como dor e ficou latejando, gritando. Eu o odeio, odeio, odeio.

Eu havia esquecido o quanto sentir doía.



53

“QUEM É VOCÊ?” FOI À PRIMEIRA coisa que Ray falou para mim depois do aquário, foi a primeira vez que escutei sua voz verdadeira.

“Que é você?” ele falou, e me bateu quando respondi, um tapa no meio do meu rosto, meus pais nunca haviam me batido antes, me faziam sentar em um canto quanto eu era má e gritava, algumas vezes o rosto da minha mãe ficava vermelho vivo e ela gritava comigo.

Mas não como aquilo.

“Quem é você?” ele falou novamente. “Qual o seu nome? Onde você mora?” e ele não sabia quem eu era, como ele poderia saber quem eu era, em seu carro e ele... Eu tinha palavras para o que ele havia feito então, palavras dos noticiários e das conversas na escola, mas como ele podia não me conhecer? Eles nunca falaram que eu não seria nada para ele, apenas uma garota estúpida que dizia sim, me mostre para onde ir.

“Pare de chorar.” Ele falou quando contei para ele, e eu contei. Prendi todo o choro em minha cabeça, e eu contei quem eu era e onde morava.

Ele assentiu. “Bom.” Ele falou. “Muito bom.”

“Você vai me levar para casa?” Eu perguntei e ele olhou para mim, como se eu tivesse feito a pergunta mais estúpida do mundo.

“É claro.” Ele falou. “Para onde mais nós iríamos?”

“Mas...” eu não o queria em minha casa, não queria que ele chegasse perto das minhas coisas, ou junto á meus pais.

“Oh, você quer dizer o outro lugar.” Ele falou. “Daisy Lane 623. Eu poderia te levar lá, mas então você vai contar que eu te machuquei...”

“Não, não, eu não vou contar, eu...”

“Eu estou falando.” Ele falou, e me bateu novamente. E doeu mais da segunda vez. “Boas garotinhas ficam caladas quando os adultos estão falando. Você pode ficar calada?”

Eu assenti.

“Melhor.” Ele falou. “Agora, eu não posso te levar para a Daisy Lane 623, a menos que você queira que todos lá morram. Por que, é isso que vai acontecer se você for lá. Você quer isso? O que...” ele se inclinou e cobriu minha boca, naquela época as mãos dele podiam cobrir meu rosto como se não fosse nada. “Que tipo de garota você é”

O desgosto estava presente na voz dele, e quando não falei nada ele falou. “Entendo.” E balançou a cabeça, e falou. “Acho que então nós vamos.” E eu falei. “Não, não, eu vou com você.”



“Você vai vir para casa?”

“Eu vou para casa.” Eu falei. E foi quando eu soube que nunca mais iria para casa, aquela era somente uma palavra, que não significava nada.

Naquela época eu senti o que era uma perda, e foi como morrer.

Eu estava morrendo, e quando Alice nasceu, aquela pequena garota de contos de fada, que á muito tempo eu fui, desapareceu.

Ela se tornou uma história, uma que quase esqueci completamente. Uma que não posso terminar, por que ela morreu há muito tempo atrás.



54

RAY QUASE NUNCA ESTAVA FELIZ. VOCÊ poderia achar que ele estaria, ele falava que eu o fazia feliz, mas eu não fazia. Eu sempre fazia alguma coisa errada.

Mas agora ele estava feliz e comprou galinha em um fast-food, me deixando na camionete, assobiando baixinho enquanto voltava balançando as chaves e carregando duas sacolas que cheiravam a carne, sal, e pão, todos quentes, macios, e cheirando bem.

“Já passou das cinco.” Ele falou, olhando para seu relógio e fazendo uma careta, e limpou as manchas marrons avermelhadas do relógio, meu sangue. Usando seu limpador para as mãos que ele sempre carregava – germes eram maus, a mãe o ensinou, e ele estava cheio deles, o mundo estava cheio deles, e ele usava para nunca me deixar doente – e então comeu sua galinha.

“Aqui.” Ele falou, e colocou um biscoito no meu joelho. Eu não podia pegá-lo com minha mão direita e ele estava segurando minha esquerda, e quando olhei para ele, ele riu alto.

Eu estava assustada. Pensei que conhecia o medo, vivendo dentro dele, o respirando todos os dias, mas isso era terror, sua gargalhada e conhecimento de que vou ajudá-lo a conseguir sua Annabel, e então me matar. E então matar todos que moravam com a garotinha que eu costumava ser.

E ele sabia que eu sabia disso. Eu não havia visto antes, mas vejo agora. Ele sabe que estou vendo minha própria morte, e ele está me mantendo com ele, por que ele gosta disso. Ele quer me ver esperando por ele.

Inclinei-me e comi o biscoito, dei uma mordida antes de ele deslizar do meu joelho e cair no chão. Ray falou. “Você é como aquela policial, aquela vaca gorda, que comia doces enquanto caminhávamos de volta para o carro. Mulheres não deveriam comer doces, isso as deixa gordas e todos aqueles bojos são horríveis. Minha mãe costumava balançar os dela por aí, e aposto que aquela policial faz isso, e eu falei que ligaria para ela, e peguei o numero, e quando ela perguntou sobre você, falei que você precisava de alguém que cuidasse de você, e que esperava que quem amasse você fizesse isso.”

Ele riu novamente, e mordeu a galinha, arrancando a carne entre seus dentes, até o osso.



55

05h40min

Nós estávamos perto do parque. Ray havia terminado sua galinha, limpado as mãos, e pressionado meu rosto contra o colo dele novamente, então mudou de idéia e me virou, me dobrando da maneira como queria, minha cabeça pressionando contra a porta enquanto ele empurrava dentro de mim, gemendo (ele), thunk (eu).

“Você. Lembra. A quem. Você. Pertence.” Ele falou. “Você deve. Lembrar. De quem. Você é a garota.”

Eu assenti e ele puxou meu cabelo de onde ele havia ficado preso sob meu corpo, preso na maneira como ele me movia.

“Assim.” Ele falou. “Isso deve ser melhor.”

E era, é claro que era, não sentir meus cabelos sendo arrancados. Minha cabeça bateu novamente, uma duas, e então ele suspirou. Ele apertou os dedos contra o meu ombro, e uma dor vermelha gritou silenciosamente dentro de mim.

As lágrimas escorriam pelo meu rosto, e eu não podia fazer nada para evitar, e ele lambeu cada uma delas, sugando tudo o que podia de mim.



RAY E EU MORÁVAMOS NA CIDADE DE CEDAR Hills. Havia até mesmo uma placa de sinalização e tudo. Eu vi no canal local em que passava as reuniões da cidade, e os menus das escolas. Algumas vezes eu assistia para saber o que as garotinhas tinham para comer.

Se você conhecer Cedar Hills, vai gostar. É uma boa cidade, com boas escolas, baixo índice criminal e turistas que vem procurar por uma casa de férias de um homem que fez um tratado, e uma empresa que produz aqueles minúsculos telefones que você vê as pessoas falando na televisão. Estão construindo tantas novas casas que é como se surgisse cidades fantasmas por todo o lugar, buracos onde os esqueletos das casas estão, esperando serem terminadas, esperando por suas famílias se mudarem.

“Agora estamos prontos.” ele falou, e me levantou prendendo o cinto de segurando ao meu redor. Ray insistia com os cintos na camionete. Ele sempre fala que não nunca podemos ser cuidadosos demais com todos aqueles outros motoristas lá fora. Ele fala que é melhor estar seguro do que arrependido.

Estranho como o tempo ficou lento, e cada minuto se arrastava. Pensei que o final seria rápido – e eu havia pensado sobre isso nos últimos cinco anos, toda a vez que ele me puxava para perto, como um pai colocando um braço ao redor do filho, e então sussurrava o que aconteceria se eu falasse alguma coisa. Se eu tentasse correr. Se eu falasse uma palavra.

Ele dizia que eu me arrependeria, que eu iria morrer, que todos morreriam, e Ray sempre mantinha suas promessas.

“Você pode...” eu falei baixo já que meu ombro estava latejando mais suavemente, um vermelho menos brilhante agora, tudo parecendo mais pesado, minha camiseta pressionando contra meu corpo. Casas fantasmas se erguiam ao nosso redor.

“Eu posso o que?”

“Apenas acabar com isso.” eu falei. “Apenas me matar. Coloque-me em uma dessas casas, pegue a faca, os fósforos e...”

Ele se inclinou e beijou minha bochecha. “Você faça o que falou.” ele falou, e então me deu um tapa com tanta força que senti alguma coisa se romper, senti alguns dos meus dentes se mexerem soltos.

“Você mantenha sua promessa para mim.” ele falou. “Faça o que eu mandar. Lembre a quem você pertence.”

“Sua.” eu falei. “Sua.” e engoli o sangue em minha boca. Era quente e salgado.

“Minha.” ele falou, e assobiou enquanto dirigia.



57

5h50min

Ray me falou o que eu deveria fazer. Eu iria voltar para o parque. Encontrar o Jake. Dar a ele qualquer coisa que ele quisesse e um comprimido roxo especial que o Ray me entregou, falando que eu tinha que fazer com que o Jake o tomasse. Eu vou espera até que ele apague completamente.

Então vou caminhar até a Annabel. Vou parar se houver outras crianças com ela. (“e vai haver” Ray falou. “Em uma noite como essas, quem não iria querer ficar brincando?”) eu vou fingir que estou amarrando meus sapatos então o Ray vai saber que tem que chegar alguns minutos mais tarde e falar para todos que o parque iria fechar mais cedo, sinto muito, regras da cidade, as coisas precisam ser pintadas, como aquela estátua no final do parque, então vão embora, encontrar seus pai. Vão para casa.

Annabel vai sair para encontrar o Jake, mas vai me encontrar.

E então o Ray vai ir nos buscar. “Logo ali, junto ao carro do garoto.” ele falou, e sorriu, e gargalhou. “Eu sei o que você está pensando.” em uma voz cantada provocadora como de as das crianças que vejo empurrando os menores por ai, e os segurando com força contra o chão.

“Você vai partir quando eu disser.” ele falou. “Você vai comigo. Você não vai ficar sozinha com um garoto desse jeito. Com o carro dele.”

Ele riu novamente. “Acho isso vai ser bom para a Annabel,. Ver o que acontece com seu irmão. Mostrar para ela o que acontece quando não se obedece. Eu deveria ter feito isso com você. Mas entre isso e a viagem até a Daisy Lane – não eu não esqueci – ela vai aprender o que precisa fazer. Ela vai aprender a ser boazinha.”

“Eu vou fugir.” falei, as palavras pareciam pesos em minha boca e o Ray olhou para mim como se nunca tivesse me visto antes, como se eu fosse alguém – alguma coisa – nova.

Então ele riu e acariciou meu rosto, não bateu, apenas acariciou, o tocando levemente, sua mão quente em meu rosto.

“Não.” ele falou. “Você não vai.”

E ele estava certo. Eu não iria. Não por que não quero, mas por que não posso. Por que a minha camiseta estava tão pesada agora, um peso duro contra minha pele, e eu me sentia estranha, quente, zozza e sonolenta, a escuridão estava pressionando contra meu corpo como o Ray faz durante a noite.

Impossível de parar.

A noite é assim. O Ray é assim. E não sou nada contra eles. Contra ele. Eu nunca fui.

A pequena Alice, completamente vazia, tão fácil de ser quebrada em milhões de pedaços.



58

EU JÁ FUI QUEBRADA E REMENDADA tantas vezes que nada mais funciona direito.

Nada está onde deveria, meu ombro latejava, e era lá onde meu coração estava agora.

Sentiu isso? Empurra-empurra-lateja, uma batida. Empurra-empurra-lateja, duas batidas.

Agora. O Ray falou. Agora.



59

“AGORA.” ELE FALOU NOVAMENTE E SE INCLINOU na minha frente, soltando meu cinto, e abrindo a porta.

18h02min

Ele me empurrou para fora.

Eu não caio. Eu cai com tanta força há muito tempo atrás, que não restava nada para se cair por cima. Eu apenas continuei caindo, caindo e caindo.

Meu ombro-coração latejava enquanto eu caminhava ainda caindo.

No parque, onde os carros ficavam, não para onde as luzes brilhavam, para os escorregadores e balanços.

O carro do Jake estava vazio. Eu olhei pela janela, tentei a porta. Ela se abriu e senti o cheiro de garoto, tristeza e mãos cheias de remédios. Inclinei-me para dentro, minha cabeça girando, mais do que tonta, meu mundo girava, pulava e se derretia correndo para a escuridão, e então me puxei para fora. Minha camiseta pingava no banco do carro, plop, plop, plop, sangue como lágrimas por que ambos não serviam para outra coisa a não ser deixar o Ray feliz, ou triste, você nunca sabe com ele, eu costumo pensar que consigo descobrir, ser o que ele quer, mas nunca está certo, eu nunca estou certa.

E no final sangue e lágrimas são iguais por que ambos também param. Você não pode ter ambos para sempre. Você segue em frente – eu sigo, eu acordo, os dias passam, o Ray vem para casa, hora de deitar, cama, dormir, para acordar e fazer tudo novamente no outro dia, vezes sem parar, como quando rezamos na igreja, palavras sem fim.

Amém.



60

SEGUI DE VOLTA PARA O PARQUE. PROVAVELMENTE JAKE estava lá, esperando nos arbustos, ou atrás de uma árvore, pensando que iria fazer alguma coisa, mas ao invés disso ele simplesmente vai ficar lá, um observador com os olhos perdidos, que o Ray vai esmagar se descobrir.

Era difícil de ver no escuro, as luzes estavam distantes como em um túnel, e passei pela esquina seguindo pela esquerda onde marcava o início do parque, a grama era verde durante o dia, mas preta como tinta refletindo a luz.

Annabel estava ali. Ela colocou as mãos no quadril, como um adulto, a cabeça inclinada para o lado, e eu nunca fui tão jovem assim, nunca.

Eu esperava que ela fizesse uma cena, perguntasse onde estava o irmão, e suspirasse como as crianças do prédio faziam, onde está minha irmã, onde está o meu irmão, onde está a Glenda/Maria/Shanda/ Levona/Najari/Tedanna? Algumas vezes Ray os observava, espiando pela janela, comigo ajoelha entre suas pernas enquanto ele sussurrava o que gostaria de fazer com elas, o que ele poderia ensiná-las, o como ele poderia fazer com que se comportassem.

Mas ao invés ela falou. “Você está sangrando.”



61

DE PÉ LÁ, CALÇAS PRETAS, CAMISETA branca, tênis laranja (cadarço da esquerda desamarrado), ela enruga sua boca como um adulto, como a mulher que ela nunca vai chegar a ser, Ray não vai deixá-la crescer, não para este mundo, nunca cresça ele sussurrava-me a noite, nunca cresça. Fique como você é, Alice.

Jure que nunca vai mudar. Juro. Bom.

Ela fica lá, olhando, e eu posso vê-la daqui a cinco anos agora, oca por dentro, olhos vazios, pequena coisa magra, não uma menina mas nada mais, não muito bem em tudo mas você não vai olhar, você vai? Não, você vai virar, você sempre vai se virar. Todos dizem que eles querem ajudar, mas ninguém realmente faz. Ele sempre foi tão bom, eles dizem na TV sobre o assassino da porta ao lado. Ele estava tão tranquilo. Nós nunca pensamos que havia alguma coisa estranha com ele de qualquer modo.

A menina? Nós pensamos que ela era sua filha. Ele disse que ela estava doente, que estava tentando ajudá-la. Ele parecia ser tão — bom, normal. E ela nunca disse uma palavra. Por que ela não disse nenhuma palavra? Isso é tudo o que ela precisaria fazer.



62

“**C**ORRA,” EU DIGO, E ELA PISCA PARA MIM. Não se move.

Apenas uma palavra, dizem eles. Mas ninguém quis ouvir. Eu poderia ter gritado em um milhão de vezes em um milhão de vozes e ninguém jamais me ouviria. Eu fiz, todas as vezes que eu deixei o apartamento, com cada passo extraído do mundo.

Todos aqueles gritos, e ninguém nunca os ouviu.

Finalmente, eu falei, eu falo, e ninguém escuta. Nem mesmo ela.

A mão de Ray em seu braço, ele está aqui agora, ele ouviu o que eu disse, os olhos dela se alargam, mas é tarde demais.

Eu a vejo ver que o seu mundo será breve.



63

ELA GRITOU.

Eu nem ao menos pensei nisso, tão estúpida, muito assustada, muito lenta, eu estava no aquário, havia adultos por toda a parte, meus professores estavam lá, meus amigos também, e meu aniversário estava se aproximando. Eu tinha um novo gloss para os lábios, e um chapéu que era grande demais, mesmo com meu cabelo preso sob ele...

E então depois, eu gritei e ninguém apareceu. Eu gritei e ninguém além do Ray escutou, e ele falou, oh não, não, não, não faça isso, como se ele fosse parar de me machucar, mas então ele machucou e sorriu, seus dentes amarelados e afiados me mastigando até os ossos.

Ela gritou e o Ray a sacudiu, a jogando para frente e para trás, e a voz dela parou abruptamente, ninguém nunca havia feito aquilo com ela, você podia ver que ninguém nunca a havia ferido, ninguém nunca a havia mostrado o que era realmente ser ferida.

“Largue ela.” Jake saiu dos arbustos, exatamente como imaginei, olhos perdidos, e voz arrastada.

E com uma arma na mão.



64

RAY RIU, REALMENTE RIU. A RISADA ALTA E estridente que fez com que eu me encolhesse por dentro, estremecendo, e Jake piscou lentamente, espantado, esse era o sonho dele, onde ele era o herói, e começou a fazer uma careta. O cara mau não deveria estar rindo. Caras maus deveriam estar com medo.

Vendo tudo isso, vendo seus pensamentos, Ray arrancou a arma das mãos dele, e virou o braço, primeiro no queixo do Jake, e esmagando o nariz contra o rosto.

Jake caiu no chão. Olhos abertos. “Lucy?” ele falou. “Lucy?” e Annabel começou a chorar, tentando se libertar. Ray pisou na mão do Jake, esmagando os ossos, e Jake urrou. Annabel com os olhos arregalados olhava para tudo e para nada.

Ela olhou para mim, e senti meu coração bater, batidas pesadas em meu peito, lentamente, tão lento, e ela me viu, realmente me viu, a garota morta viva, que logo ela iria ser.

“Vamos.” Ray falou, alguma coisa na voz dele, que eu nunca havia escutado antes, uma nota estranha e incerta, e eu abri minha boca e gritei, corra! Para ela, para mim.

Corra.

Ela correu, uma garotinha correndo em direção aos arbustos. Ray amaldiçoou, agarrou meu ombro, mas não me segurou agora, ele me puxou, me virando para a frente dele, como se estivéssemos dançando. Garras contra carne, dentes contra pele, e o mundo rugiu, balançando como o céu quando os trovoes veem. Meu estomago se retorceu, como se aberto por dentro, queimando como um raio deve queimar, meu corpo se rompendo com mais força que até o Ray consegue me mover.

“Sua vadia estúpida.” Ray falou, com a voz vazia, minha morte em seus olhos. E o mundo rugiu outra vez, seus dedos se afundaram ainda mais dentro de mim, quando a cabeça dele caiu para trás, uma mancha vermelha apareceu onde seu olho direito estava. Cambaleando para frente, caindo, e me levando enquanto caía, pele, sangue e osso em mim, escorrendo por todo meu corpo, entrando em mim.

“Alice.” ele falou, e então novamente. “Alice.”

Então ele ficou em silêncio, um escuro e pesado corpo em cima de mim. Pressionando-me contra o chão. Para onde todas as coisas devem ir. Onde um dia todos estaremos. Mortos para fazermos os vivos.

“Eu fiz isso.” Jake arquejou, e seu rosto que parecia estar distante, se virou para mim. “Eu fiz isso. Dois tiros, mas consegui. Onde diabos está o meu telefone? Tenho que ligar para a polícia, minha mãe e meu pai, ligar para o Todd e... Lucy? Onde você está?”

Eu queria empurrar o Ray para longe de mim, mas eu não conseguia me mover e ele estava morto, havia se ido, e a dor no meu estômago estava mais forte do que a do meu ombro,



mais profunda, e quando Jake falou o meu nome, com o telefone contra a orelha, sujo como se estivesse derretendo, ele tocou o lado do meu corpo e levantou os dedos escurecidos para a luz.

“Oh não.” ele falou, e então, “Oh não, não, não.” e outras palavras no telefone, rápido, eu queria impedi-lo, mas ela se moveu ou algo, e ela estava lá com ele.

Sim, eu estava com ele. Dez anos de idade e no carro dele, diga sim você vai vir comigo.

Fale.

Bom.

Eu não preciso mais fechar meus olhos para dormir agora, está vindo até mim, eu estou tão cansada, e tudo está estranho, reduzindo a velocidade, e Lucy – o nome dela é Lucy, ela nunca vai ser chamada de Annabel, nunca vai querer esquecer que Lucy é o seu nome. Ela será capaz de mantê-lo.

Lucy se ajoelhou ao meu lado, segurando minha mão, seus pequenos dedos quentes e tremendo.

“Kyla.” Eu sussurrei, a escuridão crescia ao meu redor, me envolvendo. Meu nome é Kyla Davis eu moro da Rua Daisy Lane 623, você por favor poderia me levar para casa agora? Por favor?

Sim, Ray falou, mas ele nunca levou, ele continuou comigo, mas agora...

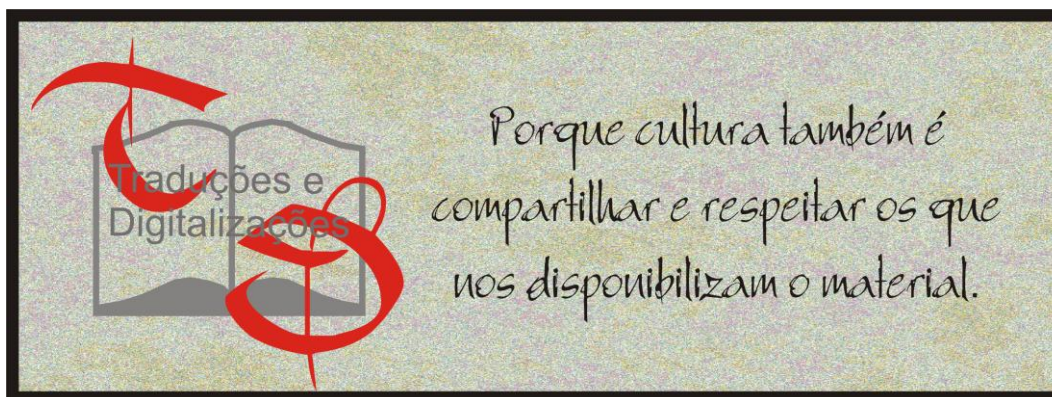
Eu não lembrava de dormir sem ter ele ao meu lado, seu corpo pesado me empurrando para baixo, agora eu não o sentia mais, a mão de Lucy parecia um fantasma, uma vizinha estava falando o que? O que? O que você falou?



65

EU ESTOU LIVRE.

!! fim !!



Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e- book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos, **por favor, que não hospede o livro em nenhum outro lugar.** Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital

Skoob – <http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/83127>



Feito por:

Aislinn & Nel